



ÁLVARO
VARGAS
A PRIMEIRA MESTIÇA
LLOSA

Tradução de Luís Miguel Coutinho

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

FRANCISCA PIZARRO, HERDEIRA MESTIÇA DO CONQUISTADOR, VIVEU A História na carne. Não existe uma biografia perfeita, apenas uma monografia esclarecedora e rigorosa, da autoria de Maria Rostworowsky de Díez Canseco. Também é possível encontrarmos réstias de informação dispersas em textos que apontam para outras personagens. Trata-se de um descuido histórico digno de prisão perpétua.

Não apresento, nesta obra, quaisquer revelações, mas a perspectiva da própria mestiça sobre factos que nunca nos são relatados pela voz da protagonista e uma intuição sobre os motivos dos seus atos surpreendentes. Depois de reunir a informação colhida das fontes que constam da bibliografia, reconstruí a sua história respeitando o que dizem os estudiosos. Contudo, como estes nunca concordam em tudo — e, por vezes, em quase nada —, em alguns casos tive de escolher entre diversas versões possíveis. O meu discernimento seguiu os ditames da lógica e do instinto em doses desiguais. Também atualizei os diálogos e as cartas, bem como o nome da cidade onde esta mulher passou a sua infância. Não é preciso termos sido confidentes de Francisca para sentirmos o quente palpitar do seu coração e compreendermos o muito que se passava no seu íntimo, enquanto, por fora, iam sucedendo os factos relatados pelos historiadores. O final da sua vida — tenha paciência, caro leitor! — explica quase tudo. E o que este final deixa por resolver deve permanecer um enigma sentimental, algo a que todas as almas humanas têm direito.

A. V. LL.

ÍNDICE

O CERCO A LIMA	9
A MORTE DO PAI	59
O TIO GONZALO	93
A CAMINHO DO EXÍLIO	157
O CASTELO DE LA MOTA	183
MADRID	215
<i>Bibliografia</i>	221



O CERCO A LIMA

I

JAUJA NASCEU ENTRE GUANACOS¹, RAPOSAS E VICUNHAS², E morreu entre as pernas da princesa virgem Inés Huaylas precisamente no dia em que Francisco Pizarro descobriu a ternura. Tinham passado apenas oito meses entre a fundação de Jauja, em abril de 1534, com as celebrações de pompa e circunstância que Manco II organizara em honra dos novos senhores do império, e o nascimento da mestiça. Quando a filha abriu caminho para sair das entranhas da princesa inca Inés Huaylas, já o Conquistador tinha decidido transladar a capital para a orla costeira, numa viagem de sentido contrário à da expedição que o levara, a passo de vencedor, da espuma do Pacífico até aos cumes andinos do Cuzco. Antes de partir para o litoral como objetivo de determinar a localização exata do novo eixo político do país, foi surpreendido — bem como os seus lugares-tenentes — pela constatação de que na sua alma guerreira havia lugar para a humanidade. A sua mestiça era muito mais do que a prova da sua estadia em Tahuantinsuyo³. Na verdade, representava o seu encontro outonal com um exército para si até então desconhecido, o qual não usava cavalos, arcabuzes, fundas ou flechas. Era o exército dos seus próprios sentimentos. Acabara por ceder perante esta força, ainda que não sem resistência.

¹ Também conhecido por «lama». (N. do T.)

² Também conhecido por «vigonho», «taruca» ou «taruga». (N. do T.)

³ Tahuantinsuyo é um termo de origem quéchua, que designa o Império Inca e significa, mais concretamente, «os quatro cantos do mundo». (N. do T.)

O estratega não se esquecia de que os focos de resistência índia permaneciam muito ativos; que, a norte, alguns compatriotas ávidos de última hora ameaçavam os confins da província sob o seu governo; nem que ainda estava por fixar o local exato da nova capital. No entanto, por alguns dias, o geómetra da Conquista do Peru entendeu que gerar uma raça era uma façanha mais extraordinária do que fundar uma cidade, pelo que se entregou aos festejos do nascimento da criatura sem lhes regatear um instante da sua boa disposição. Participou em torneios, à espanhola, e bebeu chicha⁴ de milho, como os índios, enquanto os espíritos de uns e de outros eram assaltados pelo pressentimento de que os vagidos daquela doce amostra de gente tornariam a guerra ainda mais confusa do que as alianças de certas fações locais com os invasores, que tinham por objetivo o acerto de contas pendentes com os Incas. De que forma é que o espírito de Pizarro — fugazmente enternecido com a paternidade — seria afetado pela consciência de que, dali por diante, o inimigo passava a incluir a mãe da sua filha? E os vencidos? Entenderiam como uma segunda derrota, como uma garantia ou sobretudo como uma espécie de vingança cósmica o facto de o seu conquistador — o carrasco de Atahualpa — partilhar a sua descendência com a irmã do inca morto?

Nem uns nem outros expressaram publicamente estas dúvidas, pois as danças e os torneios encheram de festa o vale serrano de Jauja naqueles derradeiros dias de 1534. Uma minúscula expedição, enviada para a orla costeira, pouco tempo antes, por Pizarro, explorava os arredores de Pachacamac, em busca do local ideal para a nova capital política do império. Jauja despedia-se da sua honra efémera de cidade capital misturando para sempre o sangue das partes inimigas. Tal como acontece com algumas espécies zoológicas, que morrem ao dar a vida à descendência, também Jauja entregou a sua quando outra vida nasceu.

Depois de batizar a sua mestiça, cujas madrinhas foram Isabel, *a Conquistadora*, Beatriz, *a Mourisca*, e Francisca Pinelo, *soldade-*

⁴Bebida alcoólica típica da região dos Andes. (N. do T.)

*ras*⁵ lendárias nestas suas terras adotivas, Pizarro partiu para o litoral com o intuito de transladar a capital. Um esquecimento providencial do cabido tinha-lhe facilitado a tarefa, pois os habitantes de Jauja acreditavam que as terras frias e estéreis da montanha os impossibilitariam de criar os seus porcos, aves e cavalos, pelo que apoiaram efusivamente a transladação para junto do mar.

Inés Huaylas e Francisca, a recém-nascida, permaneceram na cidade enquanto Pizarro resolvia os assuntos de Estado a partir do santuário indígena de Pachacamac, muito perto de Lima. O Conquistador visitara o lugar anteriormente e tinha outorgado ao seu irmão Hernando a numerosa comenda de Chíncha. Despachou três homens com a missão de encontrar o local perfeito para o seu objetivo, pois queria fixar o seu centro político antes de os rivais se lhe adiantarem, estabelecendo uma testa-de-praia no litoral. Temia, sobretudo, Pedro de Alvarado, que desembarcara a norte com a intenção de tomar de assalto o território governado por ele, cujos limites estavam ainda por fixar de forma definitiva. As novas de que Diego de Almagro, seu antigo companheiro de muitas batalhas, se tinha juntado a Alvarado e que ambos avançavam em direção a Pachacamac, vindos do Norte, aumentavam a sua inquietação. Nesse tempo, em que as hierarquias e a lealdade eram de barro, nem o grande arquiteto da Conquista tinha os foros garantidos.

Almagro e Alvarado chegaram, por fim, a Pachacamac. E não, não iam mancomunados. Depois de o felicitar pelo nascimento da filha, Almagro informou-o de que tinha convencido Alvarado a abandonar o Peru. Sebastián de Benalcázar tinha-se adiantado ao ávido estremenho na tomada de Quito, e Alvarado decidira vender a sua frota e os serviços dos seus homens a Pizarro.

A administração dos apetites das suas hostes era uma prioridade de Estado não menos urgente do que debelar os focos de resistência índia, de modo que enviou Almagro ao Cuzco com a missão de governar o território enquanto ele se ocupava da fundação da nova

⁵ Acompanhantes dos soldados e também combatentes, principalmente nas guerras do México. (N. do T.)

cidade. Os seus três enviados encontraram o local ideal no vale perto de Lima, onde convergiam três territórios, habitados por dez mil *yungas* (índios das regiões costeiras). Encontraram o que procuravam na margem do rio Rímac, situada no território do meio, perto da *huaca* ou santuário do deus que dava o nome ao rio, que era o oráculo das gentes da região. O local tinha água e dispunha de uma rede de regueiros para a irrigação. As goiabas, os mamões, os fardos de produtos agrícolas e os terrenos de plantio prometiam terrenos férteis para as suas sementeiras, apesar da acentuada aridez de todo o litoral, e havia lenha com fartura. Os palácios dos caciques, as suas sepulturas e as suas choupanas de adobe não constituíam obstáculos ao afã fundador dos invasores. Rodeada de outeiros e pedreiras, Lima prometia abundância de pedra e o seu porto natural permitiria a comunicação com o mundo exterior. Só um inconveniente estorvava o caminho para a foz do Rímac.

— Para onde irá o meu povo, se o senhor se instalar nestas terras? — protestou o chefe Taulichusco, cacique do seu povo.

— Não temos outro sítio onde povoar a cidade — respondeu Pizarro.

Assim, a 18 de janeiro de 1535, estabeleceu a capital num recanto insignificante do império, à lei da espada, e recorrendo a cem colonos dispostos a tudo, com o que deixou, para sempre, as hierarquias regionais em pantanas.

Quatro semanas depois, embora a menina fosse ainda demasiado pequena para o perceber com os seus próprios olhos, o repentino aumento da densidade nos seus pulmões serranos deve ter-lhe indicado que algo tinha mudado na atmosfera que respirava, bem como no seu destino. Pela mão de sua mãe, a princesa Inés Huaylas, descera à planície, onde a esperavam o pai e um lar por terminar. O Conquistador fizera-se acompanhar por doze mulheres espanholas na aventura da fundação da nova capital, e a décima terceira — meio espanhola meio índia e, por isso mesmo, simultaneamente vencedora e vencida — trazia consigo um orgulho de casta, para além desta cabala inquietante, anunciadora de problemas. Que outra coisa poderia indicar a presteza

com que a criatura se juntara aos atarefados organizadores da nova capital, que perturbava para sempre a lógica geográfica e política do império do seu tio Atahualpa e do seu avô Huayna Cápac?

Pizarro traçou o quadrilátero da cidade com a ponta da espada, dividindo-o como um tabuleiro de xadrez, com cada quarteirão dividido em quatro solares. As ruas eram amplas, para permitirem a passagem de cavalos e canhões. Os solares em torno da praça principal, que era um antigo *tambo* ou depósito inca situado na margem do rio, foram divididos pelos colonos a troco de galinhas. Como ainda eram poucos, foram ocupando as quadras em redor, ficando muitos solares livres, os quais foram entregues às mesmas pessoas para que neles plantassem pomares e organizassem ranchos onde se alojariam os índios, que seriam servos destes novos amos. Na sua maioria, os índios foram expulsos para os arredores e ocuparam os terrenos de cultivo repartidos pelos novos senhores da cidade.

As casas começaram a ser construídas em terracota, que fazia as vezes dos ladrilhos, madeira e colmo, e, em pouco tempo, os fundadores encheram os pomares de árvores de fruto cujos ramos, carregados de figos, marmelos e laranjas, tombavam por cima dos muros de adobe. Como grande parte da terra foi gasta no fabrico deste material de construção, a cidade foi erigida sobre cascalho, um tipo de solo tão pouco denso que a simples passagem dos cavalos fazia estremecer Los Reyes (nome oficial atribuído a Lima) com mais vigor que os esporádicos tremores de terra. Os habitantes improvisaram fazendas e casas de campo nos arredores da cidade e plantaram figueiras, bananeiras, romãzeiras, meloeiros, laranjeiras, legumes, canaviais e olivais em torno do vale por nostalgia, mas também pelo ímpeto de criar — ou recriar.

As primeiras casas erguidas em redor da praça principal, em cujo centro o Conquistador mandou colocar um pelourinho, cobriram-se de esteiras feitas de junco e madeira tosca de mangue⁶. Francisco Pizarro reservou para si quatro solares, nos

⁶Árvore encontrada em África e nas Américas. (N. do T.)

quais instalou a sua própria casa e o centro nevrálgico do poder. Mandou plantar, para si, um pomar com um reservatório de água de ladrilho e cal e fazer um telheiro de lata. Entregou dois solares vizinhos ao seu irmão Hernando e cedeu ao seu meio-irmão Martín de Alcántara um solar que fazia esquina com a praça. Também reservou espaço para os futuros conventos de La Merced, Santo Domingo e São Francisco. Foi ele próprio quem assentou as canas, o colmo, a madeira e a pedra da modesta igreja matriz, cuja construção ordenou imediatamente, dedicando-a a Nossa Senhora da Assunção, como era norma da vertente evangelizadora da Conquista. Com o passar do tempo, as ruas que irradiavam da praça foram adquirindo personalidade e nomes que também designavam ofícios. Assim, havia a rua dos mercadores, a dos adeleiros e a das mantas.

No porto, a alguma distância do centro, ergueram-se armazéns para as mercadorias que o mar prometia. O comércio externo era indispensável ao novo mundo — simultaneamente transplante e invenção — a que aspiravam. A enseada ou baía que formava o porto era visível dos solares da praça principal, o que reconfortava Pizarro e os seus, pois isso lembrava-lhes de que, ao contrário dos vales andinos em que tinham defrontado os Incas nos meses anteriores, ali dispunham de uma via de fuga, caso fossem cercados, e também tinham a possibilidade de se reabastecerem e rearmarem, no caso de serem necessários reforços humanos e mecânicos. O mar era também uma via de comunicação com os territórios do Norte; uma rota mais eficiente do que o caminho dos Incas, essa «serpente» que ziguezagueava pelo interior, contornando vales e desfiladeiros, com todo o tipo de pontos de observação naturais e o perigo permanente de se depararem com inimigos emboscados.

Quando desceu a Lima, Francisca ainda não tinha idade para ver as coisas mas para as cheirar, pelo que o seu primeiro encontro com a capital ficou marcado pelo odor salgado do Pacífico, transportado pela humidade do verão.

— Esta é a tua nova casa, *arvelita* — disse Pizarro afetuosamente a Inés Huaylas, que, habituada, por herança cultural, a venerar determinados elementos da Natureza, não achava demasiado estranho o seu marido e senhor tratá-la pelo diminutivo do nome de uma ave das montanhas da Estremadura.

II

PIZARRO PODIA SER ANALFABETO E DESPROVIDO DO REFINAMENTO renascentista, mas os seus reflexos defensivos denotavam a sofisticação própria da capacidade para detetar ameaças. E Diego de Almagro, o seu grande companheiro na Conquista, com quem conseguira conquistar um império com mais de um milhão de quilómetros quadrados, era uma ameaça! O Conquistador dedicava boa parte do seu tempo à administração dos apetites dos seus lugares-tenentes, nomeadamente através da divisão do ouro e da prata, da atribuição de comendas, da distribuição de índios e das investidas em cargos públicos nos cabidos das cidades que fundava. Mas Almagro queria mais! Queria... queria ser Pizarro! A corte defraudara-o ao negar-lhe o governo do território que ambicionara nos primeiros tempos da Conquista — para não se sentir inferiorizado em relação a Pizarro —, mas, no início de 1535, chegou a notícia de que o rei decidira conceder-lhe o poder sobre os territórios do Sul, contíguos aos domínios do seu companheiro e rival. Os limites exatos dos territórios sob a sua alçada foram-se esfumando no caminho entre a Península Ibérica e o Peru, pelo que, em vez de diminuir a tensão entre ambos, a boa nova acabou por a estimular. Ao enviar Almagro ao Cuzco, que estava sob o controlo dos seus irmãos Juan e Gonzalo Pizarro, o Conquistador acabou por fazer aumentar, sem querer, as ambições do seu rival. É que era justamente Cuzco, a cidade emblemática de Tahuantinsuyo, que ele

cobiçava. E os seus apaniguados, aproveitando a inexatidão das fronteiras entre os dois territórios, sussurravam-lhe dia e noite: «O Cuzco pertence à tua jurisdição!» Era inevitável que a sua chegada à dita cidade o colocasse em rota de colisão com os dois insolentes jovens de vinte anos, que dela haviam desfrutado como infantes durante aqueles meses de ausência do Conquistador.

O Cuzco era um vale rugoso rodeado de serras, onde o frio da altitude tornava impossível o cultivo de árvores de fruto. Os Incas tinham erigido uma cidade portentosa naquela mesma região, que resistira galhardamente aos embates da Conquista. Quando Almagro chegou à dita cidade, em 1535 — com a intenção de tomar posse do que considerava seu —, os palácios tinham já menos ouro do que antes, mas conservavam o seu antigo esplendor. Ainda abundavam as tradicionais casas de pedra, madeira e colmo, com terraço, mas os novos habitantes já tinham introduzido a telha e começavam a construir casarões com grandes beirados e portões. No local do palácio de Wiracocha tinham já lançado as fundações da catedral, e, para o do palácio de Huayna Cápac, projetavam um convento.

Os Espanhóis compreenderam, desde muito cedo, que os índios daquele império eram demasiado numerosos, pelo que os métodos de conquista não passaram pelo extermínio mas pela mestiçagem e pela dissimulação política. Tal implicava preservar, nessa altura, traços suficientes do mundo anterior e, com isso, uma aparência de convivência harmoniosa entre as duas civilizações. Por isso, mantiveram no Cuzco — sob o domínio efetivo de Juan e Gonzalo Pizarro — um chefe inca simbólico, com a sua casta governante. Se os invasores estavam a habituar-se a comer batatas, ganso e quinoa e não tinham qualquer problema em fornicar com as nativas, porque não poderiam tolerar também, nas suas barbas, um inca numa padiola e em regime de partilha simulada do governo com o verdadeiro poder? As aparências atenuavam os rancores decorrentes da subordinação. O Cuzco com que se deparou Almagro tinha como governante formal Manco II, que os Espanhóis tinham coroado

com uma coroa de lata e coberto com um manto de lantejoulas, para além de lhe terem colocado uma espada toledana à cinta e lhe terem calçado botas com esporas de ouro. Este inca — de tez pálida, nariz aquilino e constituição fraca e fibrosa — deixava-se controlar desde que lhe permitissem reinar... sem reinar! Era assim que lhe retribuía o seu apoio — decisivo aquando da tomada do Cuzco às hostes de Atahualpa — e mantinham, ou julgavam manter, a docilidade de um povo que, se tomasse consciência da sua superioridade numérica, poderia anular a Conquista. Mas tudo era tão recente e estava tão pouco firme que o perigo espreitava a cada esquina.

As rivalidades locais tinham sido determinantes no êxito inicial de Pizarro. Agora, cabia aos índios jogar com as alianças instáveis. Manco II apercebeu-se rapidamente da tensão entre Almagro e os Pizarro e, acreditando ter encontrado naquele um bom apoio contra os desmandos e as hostilidades quotidianas destes, tornou evidente a sua simpatia pelo recém-chegado. Os irmãos Pizarro reagiram com novas provocações e, certa noite, Manco II — mais previdente do que digno — procurou refúgio onde lhe pareceu tê-lo mais seguro: sob a capa de Almagro. A cidade ficou, portanto, dividida. Os seguidores dos Pizarro, entre os quais se contavam índios e espanhóis, e os de Almagro, também compostos por gente de ambas as etnias, quase chegaram a vias de facto em plena praça principal.

Em Lima, Francisco Pizarro considerou estas perturbações suficientemente graves para interromper a indolência paternal e a urbanização da sua nova capital. Assim, partiu no final de maio para restabelecer a ordem no Cuzco.

Em meados de 1535 — e a pós uma difícil negociação —, Pizarro conseguiu convencer Almagro a sair para explorar os seus novos domínios do Sul, ainda não totalmente conhecidos e, sobretudo, dominados. É certo que o Cuzco era o centro da disputa, mas nos territórios mais a sul não havia rivais. Essas terras eram de Almagro. Manco II cedeu-lhe vários milhares de índios, incluindo o sumo-sacerdote e temível general Villac Umu, sem o

qual lhe seria impossível assegurar algumas lealdades locais para a expedição.

Francisco Pizarro não imaginava que, ao afastar o seu «inimigo íntimo», chamava — em vez de afastar — uma ameaça também ela íntima, pois o mais certo era que os beneficiários do afastamento temporário de Almagro — os desordeiros Juan e Gonzalo Pizarro — não tardassem a desencadear acontecimentos sombrios para a Conquista. Pizarro partiu para o litoral para fundar uma nova cidade, a norte de Lima, e deixou o Cuzco entregue aos irmãos. Um elefante que caminhasse sobre as pontes suspensas do Apurímac teria causado menos estragos que esta parelha à solta naquela que ainda era a praça central do império.

A Lima, onde Inés Huaylas amamentava a filha, iam chegando rumores daqueles problemas nos Andes. A azáfama e a animação da nova capital afastavam-na ainda mais do Cuzco, pois o eco dos embates políticos desta região chegava a Lima transformado num simples murmúrio.

Pizarro voltou ao litoral convencido de que tudo voltaria à normalidade. O Cuzco recuperaria a sua rotina, pairando acima da realidade como as damas da classe dirigente inca, com os cabelos negros beijando-lhes os ombros, transportadas pela cidade em padiolas e liteiras, alheias ao inconveniente de representarem um poder fictício. Os membros das classes inferiores, envoltos nas suas mantas e gibões de lã de camélídeo andino, continuariam ocupados com as suas tarefas agrícolas ou servis, quando não com a extração de ouro ou com a construção de edifícios para os seus novos amos. E estes, já sem a presença perturbadora de Almagro, continuariam a imprimir a sua personalidade — sob a forma da mestiçagem — na cidade conquistada.

Mas não foi assim, pois a normalidade teimou em fazer-se esperar. Os irmãos Juan e Gonzalo demoraram pouco a encontrar boas bases para os rumores que lhes chegavam aos ouvidos sobre as intenções revoltosas de Manco II, pelo que retomaram as visitas.

— Temos conhecimento de que conspiras contra nós! — acu-

sou Juan, encarando-o, com o irmão atrás de si. — O governador mandou-nos prender-te, como fizemos com o teu irmão Atahualpa.

— O que é que eu vos fiz? É dessa forma que pretendeis retribuir-me pelos serviços que vos prestei?! É assim que me agradeceis por vos ter recebido na minha própria terra e vos ter dado tudo o que me pedistes?!

— Sabemos que conspiras contra nós e vamos castigar-te!

— Ides prender-me como a um cão, a mim, que tanto fiz por vós?!

— Que provas estás disposto a dar-nos da tua obediência? Até onde estás disposto a ir para provares que não andas a conspirar contra nós?

— Mais provas? As que desejeis! Ouro? Prata?

O inca apressou-se a reunir duzentos e quinze mil marcos de ouro e cento e cinquenta mil de prata em grandes sacas, com o que apenas adiou o seu cativeiro por três meses. Findo este prazo, recebeu nova visita.

— Agora queremos uma das tuas mulheres: Inquill Túpac Yupanqui.

Nada o livrou das correntes. E mesmo com elas postas, continuou a receber visitas dos irmãos, que ora o vexavam ora o presentavam com lisonjas zombeteiras, para melhor sublinharem a sua condição.

— Alguém te ofendeu? Não o toleraremos! — exclamavam, diante do índio acorrentado.

Compreendendo a precariedade do equilíbrio político e militar — e mediante a torrente de notícias sobre estas tensões —, Pizarro ia enviando mensagens de Lima, em que pedia comedimento aos irmãos. Mas nem um nem os outros sabiam, em outubro, que um desertor da expedição de Almagro havia voltado ao Cuzco dissimuladamente e que essa personagem solitária levava, na cabeça, ideias multitudinárias.

— Com a permissão de vossa alteza, soltar-vos-ei e, em pouco tempo, acabarei com os barbudos — prometeu certa noite, ao inca,

o sumo-sacerdote e seu estratega militar, Villac Umu, pouco tempo depois de ter abandonado o exército de Almagro e retornado ao Cuzco. Para falar com Manco II, a quem eram permitidas visitas, Villac teve de se disfarçar.

Deu-lhe argumentos para se revoltar, mas não eram os argumentos de que Manco precisava naquele momento, em que Juan e Gonzalo se tinham apropriado de duas das suas mulheres, incluindo a imperatriz, que era, como mandava a tradição, simultaneamente sua irmã e a sua primeira esposa. O pacto tácito de manutenção das aparências para dissimular a submissão fora quebrado, e Manco não precisava que ninguém lhe explicasse esta realidade. Porém, não estava seguro do resultado da iniciativa, mesmo tendo o sumo-sacerdote suficiente capacidade de adivinhação para antever os acontecimentos. Villac Umu explicou-lhe que, com os cem mil homens disponíveis e o ânimo da sua gente — que tinha sondado discretamente, em diversos pontos do território —, o impossível tornar-se-ia possível. Para estimular a confiança do inca, assegurou-lhe que tinha conseguido acabar com Almagro durante a expedição ao Chile e derrotar, sem dificuldade, a sua cavalaria e os seus soldados.

Nas semanas seguintes, Hernando Pizarro regressou a Lima, tendo partido de Espanha, com boas notícias para o seu irmão Francisco: o rei tinha aumentado o território sob a sua alçada em setenta léguas! Também levava, sem grande alvoroço, o que Almagro tanto tinha cobiçado: as provisões para os territórios sob a sua jurisdição, que o rei fixava em duzentas muito modestas léguas. O primeiro encontro de Hernando com a sobrinha Francisca foi breve, pois poucas semanas após a sua chegada, o irmão, preocupado com as informações que lhe chegavam do Cuzco, enviou-o para a antiga capital com poderes de governador e de juiz-mor.

— Importa mostrarmo-nos mais comedidos no trato com eles, pois diz-se que o inca vai acumulando rancor — explicou-lhe Francisco, antes de o enviar.

Hernando tomou logo à letra os seus títulos e o seu papel

de irmão mais velho. A sua prudência política era superior à de Juan e Gonzalo, mas inferior à sua própria ganância. Mostrou-se mais amável no trato com o inca, como lhe tinha sugerido, para além do seu irmão, o próprio Imperador Carlos V, que tinha conhecimento dos serviços prestados por Manco aquando da tomada do Cuzco e no apaziguamento dos vencidos. Mas uma coisa era evitar provocações excessivas, outra era desperdiçar oportunidades douradas, cintilantes, mesmo. No início de 1536, aproveitando a época das chuvas, altura em que os índios não podiam movimentar-se com facilidade caso sentissem a tentação de se revoltarem, exigiu novas entregas de ouro ao inca. Tinha os olhos postos nas múmias dos antepassados incas, banhadas a ouro e prata e, segundo um relatório anónimo, tão volumosas como as pipas ou tonéis em que se armazenavam água e vinho, nos navios. Como não retribuiria o inca agradecido a liberdade recuperada?

III

ATAHUALPA NÃO FAZIA IDEIA DO SIGNIFICADO QUE VIRIA A adquirir o seu ato quando ofereceu a Pizarro o presente de carne e osso que dava pelo nome de Quispe Sisa. Isto aconteceu na sequência do primeiro embate, quando foi feito prisioneiro em Cajamarca. Fiel ao velho costume de entregar as esposas secundárias aos senhores ou caciques com quem pretendia estabelecer alianças, o inca entregou a própria irmã ao Conquistador. Quispe Sisa viajara preocupada desde Cuzco, com o resto da corte, para o acompanhar no seu momento de desgraça, e teve uma recepção carnal: Atahualpa transmitiu-lhe que ia entregá-la a Pizarro, o seu raptor.

E foi o que fez. Mas aquela índia orgulhosa não deixou transparecer os seus pensamentos, tão obscuros para quem pretendesse interpretá-los como a sua pele acobreada. Era taciturna e obediente, como a tradição exigia das princesas virgens da casta imperial. Pizarro, que pertencia a uma raça altiva, deve ter-lhe reconhecido uma certa dignidade, pois conferiu-lhe imediatamente um estatuto que ultrapassava o de mera concubina. No início, limitou-se a namoriscar com ela, em atenção aos seus cinquenta anos de vida e à sua libido adiada. Contudo, mais tarde chegou a sentá-la à sua mesa, juntamente com os seus lugares-tenentes, o que constituía a máxima expressão da respeitabilidade naquele tempo de hierarquias sociais improvisadas. Nem ele saberia dizer quanto esta decisão teve de respeito para com a linhagem real da princesa; quanto de vertigem perante o poço daqueles olhos negros, em que repousava uma cultura mais antiga e soberba do que quantas conhecera nas suas viagens pelas Caraíbas, América Central e Panamá; e quanto de fria estratégia política para estabelecer convivências que protegeriam raptos de Atahualpa da ira vingativa de um povo massivamente numeroso. A verdade é que as orelhas avantajadas da princesa e a cascata elegante dos seus cabelos se tornaram, desde a primeira hora, presença constante ao lado do Conquistador.

Em Quispe Sisa, reproduzia-se, de certa forma, o destino da sua própria mãe, Contarhuach, que, em 1515, integrou a legião de esposas secundárias de Huayna Cápac (que veio a ser pai de Atahualpa). O lendário inca entregara ao pai de Contarhuacho o senhorio de Tocas y Huaylas, no sopé da Serra Nevada⁷. O nome de Quispe Sisa foi logo alterado para Inés Huaylas por essa magia da conquista chamada batismo. A história do Peru enredou-se para sempre, no momento em que Pizarro abraçou a cascata cabeluda da índia, pois, a partir desse instante, o relato das proezas guerreiras do Conquistador no Tahuantinsuyo passou a ser também o das façanhas do marido de Inês Huaylas, irmã do inca. A história que Inés Huaylas

⁷Serra homónima da espanhola e da norte-americana, na América do Sul. (N. do T.)

começou a reconstruir mentalmente, com base nos relatos de quem se sentava consigo à mesa e do seu marido recente, teve a virtude ambígua de a humilhar e vingar ao mesmo tempo, pois uma parte de si pertencia ao passado vencido, e outra ao presente vencedor.

Ouvindo estas histórias na Cajamarca conquistada, a princesa ficou a saber que o seu marido espanhol tinha chegado aos confins do império, a norte, no final de 1530, com apenas 180 homens e 37 cavalos, avistando a ilha de Puná. Um ano depois, chegou à fronteira de Tumbes, onde compreendeu que defrontaria forças mais numerosas e mais bem organizadas do que as de todos os reinos índios com que se tinha deparado até então. Os relatos que conseguiu obter da população local persuadiram-no de que, na verdade, aquele reino impressionante já não era apenas um mas vários e de que a recente guerra civil lhe permitiria recorrer a táticas que deviam ser aplicadas o quanto antes, como fizera no México.

As guerras civis tinham começado com a morte do lendário inca Huayna Cápac, que tivera notícia, antes de morrer, de que uns forasteiros barbudos deambulavam para lá dos limites dos seus domínios. A morte de Huayna Cápac também levou consigo a unidade imperial. Em consequência disto, Atahualpa estabeleceu a sua praça-forte em Quito, a norte, e Huáscar no Cuzco, a sul. O primeiro contava apenas com a fidelidade dos habitantes da região que começou a governar; o segundo, pelo contrário, era o herdeiro legítimo da maior parte do império. O resultado foi a divisão do Tahuantinsuyo. As vitórias iniciais de Huáscar depressa se transformaram em vantagens para Atahualpa, cujos generais superavam de longe, na arte da guerra, o chefe do Cuzco e suscitavam a reverência da fragmentada imaginação dos índios. Os homens de Atahualpa acabaram por saquear o Cuzco e matar quase toda a família real de Huáscar, que enviaram, como prisioneiro, numa lenta viagem para norte.

Entretanto, Pizarro invadiu o império e marchou até Cajamarca, onde, segundo todas as fontes, Atahualpa esperava novas do Cuzco. Abrindo caminho a cavalo, pela força da espada, o Con-

quistador fundou San Miguel de Piura, subiu a serra e, seguindo o caminho do Chinchaysuyo⁸ — um dos quatro «suyos» do império —, por entre milheirais e plantações de algodão, chegou a Cajamarca. À chegada à cidade, os seus homens colocaram falconetes em posições estratégicas, em torno de uma praça rodeada de edifícios achatados, de pedra.

Atahualpa, o vencedor da guerra civil dos Incas, considerou os intrusos um desafio menor e recebeu os emissários do Conquistador. Para ele, aqueles homens não eram mais do que loucos audazes, e poderia tê-los aniquilado se se tivesse apercebido da ameaça que representavam.

Aquela negociação veio a resultar no suicídio do inca. Há que dizê-lo: tratou-se, de facto, de um suicídio com toda a pompa e circunstância, pois quando desceu à praça, ao encontro dos forasteiros, fê-lo numa liteira sustentada por oitenta homens, como exigia a sua dignidade de imperador. A cadeira em que ia sentado era de ouro, com esmeraldas incrustadas, o que quase desbaratou a resolução com que os espanhóis o esperavam para lhe montarem a armadilha perfeita. Ainda envergava o manto pardo, em sinal de luto pela morte do pai, e discos de metais preciosos nas orelhas, surdas ao som dos gatilhos dos arcabuzes que o esperavam nos seus esconderijos em torno da praça. O padre e o tradutor, que com ele trocaram algumas palavras, bem podiam ter estado ali a interpretar uma peça de teatro, pois nada do que sucedeu naquele local (o que despoletou tudo foi a oferta de uma Bíblia, que o inca atirou ao chão) parece ter saído da História, escrita com maiúscula, mas das artes cénicas e plásticas.

Foi tudo tão rápido que, apesar dos cinco mil índios guerreiros

⁸O Chinchaysuyo compreendia a região norte do império, desde a zona oeste da cidade do Cuzco e da actual província peruana de Caravelí (Arequipa), junto à costa, até Pasto (Colômbia), abarcando parte do distrito colombiano de Nariño, todo o Equador — à exceção da região oriental — e os distritos peruanos de Tumbes, Piura, Lambayeque, Cajamarca, Amazonas, La Libertad, San Martín, Áncash, Huánuco, Pasco, Lima, Junín, Ica e Huancavelica, bem como o norte de Ayacucho. A sua capital foi a cidade equatoriana de Tomebamba. (N. do T.)

presentes, o inca passou, em poucas horas, de amo e senhor do Tahuantinsuyo a prisioneiro num palácio que foi o seu cárcere por dois motivos, pois aos rigores do cativo depressa se juntou um moscardo que zumbia no ar. Era Felipillo, um intérprete que Pizarro escolhera de entre os índios e em quem a derrota de Atahualpa despertou instintos predatórios e nada dissimulados, satisfeitos na carne da esposa do vencido. A notícia da sua vitória final sobre Huáscar chegou aos ouvidos de Atahualpa quando já se encontrava em poder de Pizarro. Nesse momento, não teve o sangue-frio suficiente para perceber que a reconciliação do Tahuantinsuyo lhe permitiria reunir forças suficientes para impedir a fixação dos Espanhóis em Cajamarca. Portanto, deu instruções aos seus homens — que o visitavam no cárcere — para matarem Huáscar, acabando por favorecer os Espanhóis aos olhos dos partidários do seu irmão, em cujas carnes palpitava a chaga da guerra civil. Nem o resgate prodigioso que ofereceu pela sua libertação o conseguiu salvar da força. Com tesouros que mandou trazer de diversos palácios nos seus territórios, encheu três divisões de oito por cinco metros — uma com ouro e duas com prata — até à altura da sua mão. Mostrou-se servil para com os seus amos, jogou xadrez com Hernando de Soto, suportou estoicamente a concupiscência de Felipillo com a sua esposa — que também era sua propriedade — e a única paga que levou para o Além, no dia 29 de agosto de 1533, foi o facto de lhe ter sido concedida a morte pela força em vez de pela fogueira por ter aceitado o sacramento do batismo cristão.

Porém, ainda teve tempo de deixar a irmã, Quispe Sisa, nos braços de Pizarro e de ver Calcuchima, o seu principal chefe militar, metido em ferros por Hernando Pizarro, que Francisco tinha enviado ao litoral, por alguns meses, com o objetivo de verificar se os tesouros do templo de Pachacamac eram tantos como se dizia.

Quando acabaram de fundir, em fornos improvisados, os tesouros reunidos — cerca de seis toneladas de ouro de vinte e dois quilates e meio e quase doze de prata —, os espanhóis partiram

para o Cuzco para travarem a batalha decisiva. Nessa ocasião, foram acompanhados por uma fileira interminável de homens com *huaras*⁹ de tecido entre as pernas e *uncos*¹⁰ sem mangas que lhes davam pelos joelhos e, em muito menor número, por mulheres com os seus *anacos*¹¹, que lhes davam pelos joelhos, com mantas por cima. Os homens levavam as provisões às costas, pois os lamas eram animais de carga pouco resistentes e os cavalos eram em número insuficiente. Com eles seguia também Diego de Almagro, que chegara a Cajamarca depois de Pizarro ter aprisionado Atahualpa. No que se referia às suas verdadeiras expectativas, Almagro tinha chegado demasiado tarde. Para sua maldição — e também de Pizarro —, seria sempre o segundo. Mal tinha terminado uma guerra civil no Tehantinsuyo — a de Huáscar e Atahualpa, os vencidos — e preparava-se já outra, ainda em estado seminal, entre Pizarro e Almagro, os vencedores. No meio de tudo isto estavam os índios, que mudavam mais de amos do que de leis e linhagens.

Três meses volvidos, o estrépito dos cavalos, dos infantes, das adagas e dos canhões pôs em alvoroço as imediações do Cuzco. Pelo caminho — a rota do Chinchaysuyo —, o novo governador impusera-se às fundas e às boleadeiras índias, apesar da eficácia com que estas armas apedrejaram os seus homens e paralisaram alguns dos seus cavalos. Em Vilcaconga, às portas da cidade imperial, onde esperava ser recebido com uma nova chuva de pedras, recebeu um presente dos céus: Manco II, herdeiro natural do império, decidiu juntar-se aos invasores, em vez de se aliar a Quizquiz, general do executado Atahualpa disposto a resistir à invasão a partir do Cuzco. Na alma dos Incas fumegava ainda o rescaldo da guerra civil recente, e Manco, inimigo de Atahualpa, não lhe perdoava a derrota de Huáscar, uma ferida mais profunda do que as infligidas pelos intrusos barbudos nos tempos

⁹ Tipo de tanga usado por estes índios. (N. do T.)

¹⁰ Espécie de manta de vestir, mas sem mangas, usada pelos índios da região. (N. do T.)

¹¹ Espécie de blusa larga ou vestido usado pelas índias das Américas. (N. do T.)

anteriores. Os Espanhóis, por seu turno, precisavam de aliados que pudessem servir de símbolos. O inca fantoche que tinham nomeado para o lugar de Atahualpa, depois de este ter sido executado, tinha falecido no caminho, pelo que a adesão de Manco não podia ter sido mais bem aceite. Para além de dez mil homens e dos seus conhecimentos nativos, a adesão daquele cacique proporcionava-lhes um símbolo político eficaz. O novo inca fantoche garantiria a tranquilidade no império, depois de resolvida a questão da tomada do Cuzco e da derrota do que restava do exército de Atahualpa.

Em novembro de 1533, o Conquistador fez a sua entrada triunfal na capital do Tahuantinsuyo, a qual revelou ao invasor os seus palácios, os muros de alvenaria e as casas de pedra, terra batida e telhado de colmo, com grandes beirais, cuja forma trapezoidal denunciava o desconhecimento do arco. Demorou pouco tempo a dominar o inimigo.

O que os espanhóis viram, depois de sufocada a resistência, deixou-os maravilhados mas não os paralisou, pois depressa se assenhorearam da cidade e, seguindo um costume que tinha tanto de magia como de legalidade e que se repetiu ao longo de toda a Conquista, Pizarro ordenou aos seus notários que registassem a sua nova façanha. Os registos, que reverenciava em parte por causa da sua condição de analfabeto, eram um conquistador mais eficaz do que o seu próprio exército, e só descansava quando o notário registava por palavras o que os seus infantess tomavam à lei da espada e do arcabuz. Em poucos meses, reuniram ouro e prata em quantidades muito semelhantes às que tinham fundido nos fornos de Cajamarca, assentaram os alicerces dos futuros edifícios, distribuíram os principais palácios pelas novas autoridades, nomearam os membros do cabido e distribuíram várias comendas de índios. O inca Manco II passeou de padiola pela praça rodeado de capitães e criados, saboreando a materialização de um seu antigo desejo e aceitando muito bem o sofisticado jogo de aparências a que o tinham convidado os novos senhores do

Cuzco. Em poucos meses, a situação adquiriu a aparente quietude da normalidade.

Pizarro entregou o governo da cidade ao seu irmão Juan e pôs-se a caminho de Jauja, embora não descuidasse os territórios do Norte, para onde se dirigia Almagro com o objetivo de deter as pretensões dos conquistadores rivais.

A sua mulher evidenciava já os sinais inequívocos da gravidez, de tal modo que, se a mansidão de Manco, o domínio da capital do Tahuantinsuyo e o contentamento dos seus homens com a abundância de tesouros e das comendas distribuídas não bastassem, tinha agora um motivo mais premente para abrandar o ritmo dos acontecimentos: a barriga de Inés Huaylas.

Manco acompanhou o governador Pizarro na sua viagem de duas semanas até Jauja só para o impressionar com uma propriedade esplêndida.

— O que é isto? — perguntou Pizarro.

— É uma grande coutada real — responderam-lhe, esfregando as mãos —, cuja vasta área se mandou cercar e em que se dá conta de todos os pumas, veados, vicunhas e raposas que aqui existem.

— Magnífico! — exclamou o futuro papá. — Com isto, celebraremos a fundação de Jauja.

IV

AS NOTÍCIAS QUE CHEGAVAM DO CUZCO NÃO ERAM BEM DE molde a tranquilizar os ânimos. Para cúmulo, a transladação da capital de Jauja para Lima, embora tivesse muitas vantagens, apresentava também um inconveniente psicológico: a distância entre o Cuzco e Lima era um pouco maior, e tornava-se mais fácil inflamar a imaginação de quem recebesse, na nova capital, os rumores longínquos da agitação nas montanhas. Lima continuava

a crescer, no final de 1535, mas Pizarro, que era homem de bom entendimento, sabia que os assuntos relacionados com a governação ainda tinham o seu epicentro no Cuzco. Por isso, enviara, pouco tempo antes, o seu irmão mais velho — Hernando — para a região, com o objetivo de aí impor a ordem. Hernando tinha acabado de voltar de Espanha, onde pagara o quintal exigido pela Coroa e negociara a extensão dos domínios de Francisco. O Cuzco tinha já começado a transmitir alguma perturbação a outras regiões do império, e, da serra central, iam chegando notícias de deslocções de índios. Os espiões do Conquistador, todos índios de porte atlético, desciam à costa com informações inquietantes relativas ao clima de inquietação, às alterações da rotina e ao humor das gentes do império.

Inés Huaylas, instalada com a filha na casa do governador Pizarro, também se apercebia da brisa que começava a varrer as folhas à sua volta. Tinha os sentidos apurados por muitos anos de inquietação política, pelo que, no seu íntimo, não havia lugar para grandes surpresas com o gotejar contínuo de rumores de perturbação e decadência do Tahuantinsuyo dos conquistadores, que é como quem diz: do seu marido. Porém, tinha nos braços uma criatura para amamentar, e amamentava-a com o leite materno, mas também com os sons agradáveis da sua língua, o quéchua, cujo ritmo encantatório advém da dança constante das vogais e cuja riqueza de significados deriva dos inúmeros afixos que permite cada raiz verbal. Era com essa língua, que lhe falava vinda do princípio dos tempos e a protegia da confusão da nova era, dando-lhe algum sentido de permanência, que a pequena princesa adormecia. Inés Huaylas sussurrava-lhe, em quéchua, as coisas do seu mundo, a sua verdadeira herança e a mitologia da cultura inca moribunda, bem como os costumes de um povo apegado à terra, para quem arar, semear, ceifar, armazenar os cereais e irrigar o solo eram coisas que significavam mais do que apenas providenciar o sustento para si e para a casta governante, à qual ela própria pertencera; um povo que enterrava os seus mortos com os respetivos pertences porque

a alma era o prolongamento e não a negação da vida física. Num mundo em que a língua castelhana dominava sem contestação — a incipiente cidade de Lima estava repleta de conquistadores e escravos negros —, os sussurros de Inés Huaylas aos ouvidos da filha constituíam a estratégia de sobrevivência de uma cultura com que, a partir de agora, tentaria matizar, tingir, impregnar a dos vencedores. Essa forma oblíqua de reinventar o mundo a partir da derrota era uma forma de declarar um estranho empate entre civilizações. E Francisca era isto mesmo... o seu empate. Os sussurros em quéchua, na tempestade castelhana, alteravam as leis do campo de batalha. Em Francisca, Inés Huaylas era também *Conquistadora*.

Esta misteriosa recomposição fazia com que antecipasse, com apreensão, o que a agitação que se sentia na atmosfera pressagiava. Pela lógica, deveria ter antecipado o desejo de reivindicação e desagravo naquilo que se preparava, e não sentido a inquietação defensiva que se apoderava dela enquanto se agarrava à menina, chamando-lhe, carinhosamente, «huahua» na sua língua. Mas, na realidade — e apesar da lógica —, a sua atitude nada tinha de estranha, pois os índios não eram um povo único, compacto e unânime, mas muitos indivíduos, grupos e fações cujas alianças mudavam constantemente, de modo que o que estava a acontecer não era mais do que uma nova fase das lutas antigas. E enquanto a princesa permanecesse uma mulher privilegiada — como era ao lado de Pizarro —, qualquer vislumbre de insurreição ameaçaria a sua própria realidade. Se viessem a confirmar-se os rumores de um levantamento, os alvos da sede de vingança vinda da montanha seriam todos quantos agora integravam a casta dominante — os castelhanos, os índios e os negros — e nada garantia (muito pelo contrário) que os revoltosos viessem a demonstrar qualquer tipo de compaixão para com as mulheres e os filhos do inimigo barbudo.

A inquietação da mãe terá, provavelmente, transmitido a Francisca a sensação de que algo ameaçava a calma rotina do seu lar, mas a pequena já tinha os sentidos alerta perante outro corpo

estranho, mais concreto e perturbador: o seu irmão Gonzalo! Pizarro e Inés Huaylas tinham acabado de ter outro filho, em finais de 1535, o que dera especial satisfação ao Conquistador, pois, nesse mundo intensamente masculino, o varão correspondia mais cabalmente às expectativas de continuidade da linhagem do que a menina. Para Francisca, tais considerações genealógicas, jurídicas e políticas não existiam, apenas a incomodava a presença do intruso que lhe disputava a atenção do pai — pouca, naqueles dias frenéticos — e da mãe, que via, orgulhosa, prolongar-se no seu novo rebento a herança imperial do seu próprio pai, o lendário inca Huayna Cápac, e do seu irmão, o executado Atahualpa. Também se prolongava no rapaz a herança do seu marido, o inca com barba.

V

NO INÍCIO DE 1536, AINDA SE FALAVA DA AFRONTA QUE MANCO tivera de suportar meses antes, no seu derradeiro dia de cárcere. O pior não foram as correntes, os empurrões ou as imprecações proferidas... A gota que fez transbordar o copo foi o facto de os seus incontinentes captores lhe terem urinado em cima, dispostos a pulverizarem o último vestígio de ficção — isto é, de majestade — do reinado do seu fantoche. Inca urinado, inca destronado! Porém, a chuvada nojenta sobre a cabeça do rei não ofendeu todos os índios da mesma forma, pois os seus inimigos — os que tinham combatido às ordens dos generais de Atahualpa na guerra civil contra Huáscar — não viam com maus olhos a humilhação de Manco, antigo braço-direito de Huáscar e, portanto, ainda seu inimigo. Contudo, a ofensa exaltou os ânimos dos outros, os do lado do «do Cuzco» na dita guerra e os seus aliados e correligionários dos territórios vizi-

nhos. Se Hernando Pizarro, que ali chegara para pôr cobro aos excessos praticados pelos irmãos e evitar que se rompesse o delicado equilíbrio da ficção e da dissimulação, pensou que tal era possível, enganou-se. E as suas ações também não contribuíram para atenuar o ressentimento, ainda fumegante, dos ofendidos.

Nesse tempo, nada teria bastado para repor a convivência tranquila entre as pessoas, com Villac Umu, o sumo-sacerdote e guerreiro, zunindo constantemente, como um moscardo, aos ouvidos do inca. Umu, homem de costas amplas, rosto bolachudo e olhar cheio de picardia, visitava Manco com frequência para argumentar sobre a necessidade de passar à ação. As palavras do sumo-sacerdote, que lhe recordava a extensão dos seus domínios, a multidão de soldados de que dispunha e a maldade dos seus ingratos captores, encontravam eco no temperamento do inca, ferido e predisposto para o rancor. E para lhe transmitir maior segurança, Umu lembrava-lhe a facilidade com que ele próprio tinha desertado da expedição de Almagro ao Chile, enfrentando, com êxito, forças muito superiores. Ora, se o solitário Umu tinha conseguido impor-se a forças mais numerosas e com muito mais tecnologia, como poderiam aqueles forasteiros deter Manco, o Filho do Sol?

Portanto, o sumo-sacerdote propôs que oferecessem aos cristãos o ouro dos antepassados incas, que estes tanto cobiçavam. Tratava-se de uma estratégia que visava libertar Manco da prostração em que se encontrava: o inca devia mostrar-se submisso perante os conquistadores e prometer-lhes que ia buscar as múmias de Huayna Cápac e da imperatriz. Levariam com eles dois ou três soldados espanhóis, a modo de garantia, mas também seriam necessários alguns milhares de homens para... carregarem com tanto peso! Se os cristãos queriam as múmias de ouro, o inca deveria ter liberdade para as ir buscar.

Contrariamente aos receios iniciais de Manco, não foi muito difícil obter a autorização de Hernando. Com esta estratégia, nascida da sua presciência e do conhecimento que tinha da alma humana, Umu lera com precisão o mapa interior de Hernando Pizarro,

sobretudo no que se referia às proporções em que se dividiam o seu apetite pelas coisas materiais, a sua competência militar e a capacidade que tinha para detetar o perigo. A primeira característica era preponderante naquele espírito, pelo que, quando lhe foi solicitada a autorização, concedeu-a regozijando-se com o pensamento de que as famosas múmias envoltas em tesouros seriam, finalmente, suas e só suas.

— Acompanhá-lo-ão dois dos meus homens — determinou, no dia 18 de abril.

Nesse dia, Manco e o seu séquito partiram com destino ao vale de Yucay, em busca dos seus mortos.

Villac Umu tomou a dianteira, seguido pelo inca, como exigiam a prudência e o protocolo. Subiram a colina de Sacsahuamán, tomando o caminho do Chinchaysuyo em direção a Calca, mas desde a saída do Cuzco que o desejo de revolta entre os seus se tornara evidente para o inca. No troço que os levaria a Calca, onde estabeleceria um quartel-general e organizaria cerimónias religiosas, foi recebendo a adesão de muitos índios, dispostos a mobilizarem-se contra o invasor espanhol. Quando chegou ao destino, na áspera puna de erva rija e amarelada, não precisou de convocar os seus chefes militares, pois já estavam todos prestes para a guerra, com os seus capacetes de ouro, as suas joias ornamentais e as suas máscaras. Quanto aos soldados, também estavam a postos, com os seus chuços, fundas, mocas e alabardas de prata; apenas aguardavam as ordens decisivas.

Passados alguns dias, libertaram os dois espanhóis que tinham acompanhado a expedição até ao monumento funerário, em busca das múmias. Por essa altura, já os índios fiéis à memória de Atahualpa iam recebendo as notícias funestas no Cuzco: as múmias tinham-se revoltado! Alarmados com os perigos que planavam, como condores, sobre as suas cabeças, fizeram ver a Hernando o erro crasso que tinha cometido e este não tardou muito a convencer-se de que o tinham enganado. Portanto, montou o seu cavalo e partiu em busca do inca com duzentos homens

dos seus, incluindo os irmãos. No caminho, os espanhóis libertados por Manco confirmaram-lhe o que temia: o Tahuantinsuyo tinha-se sublevado, com o rei à cabeça. Perante a confirmação, cavalgou sem parar até Calca. Quando chegou, o inca já tinha partido para Lares, no vale de Yucay. Em Calca, Hernando foi recebido pela ironia agri-doce de múmias esplêndidas, em adoratórios de sonho e no meio de uma insurreição que ultrapassava claramente os confrontos anteriores, tanto ao nível da dimensão como da organização e da mística. Embora tenha tomado Calca, pois a esmagadora maioria dos índios já se tinha refugiado no vale de Yucay, temendo que Manco se apoderasse do Cuzco na sua ausência, regressou na manhã seguinte, com algumas múmias e nenhum inca vivo.

Manco transformou-se do dia para a noite. A chegada de contingentes nativos, vindos de todas as direções, acabou de lhe devolver a confiança em si próprio e, em poucos dias, passou de «inca de palha» a caudilho da resistência. A revolta alastrou como uma nódoa de azeite. Os voluntários, à sua disposição, foram-lhe chegando de Pasco, a norte, a Charcas e Tucumán, a sul. Em pouco tempo, tinha cem mil homens às suas ordens. Organizou o novo exército com uma eficácia militar de que não se ouvia falar desde que Atahualpa fora puerilmente surpreendido em Cajamarca, dividindo as responsabilidades por três generais, um dos quais — Cahuide — de fama lendária.

No Cuzco, os irmãos Pizarro contavam com 190 espanhóis, 500 guerreiros índios e 30.000 índios auxiliares cuja preparação castrense não chegaria sequer a um rancor fraternal contra Manco. Hernando conseguiu deslizar pela colina e entrar na cidade antes de esta ser cercada. Uma vez entrado na cidade, ocupou o palácio de Wiracocha, na praça principal, mais por motivos de autoridade do que estratégicos e dali deu ordens para que os seus soldados se distribuíssem por três grupos, um dos quais ficaria sob o comando do seu irmão Gonzalo. Viram o inimigo cercar a cidade nos cumes dos montes que circundavam o vale e Villac Umu tomar a fortaleza

de Sacsahuamán. Ao cair da noite, os índios acenderam fogueiras em todos os outeiros. Os espanhóis sitiados no Cuzco viam a calma que reinava nos acampamentos inimigos como um sinal de que Manco geria o seu tempo sem demasiada pressa, quer fosse por receio de se precipitar no ataque ou com o objetivo de enervar os sitiados, que, na verdade, preferiam o confronto imediato a uma longa e tensa espera. Não lhes era possível calcular quando se daria o ataque do inimigo porque, na guerra, há decisões de que nem os mais intrépidos espões chegam a ter conhecimento. Porém, lá em cima — nas colinas que dominavam a cidade —, Villac Umu tentava convencer Manco a dar, finalmente, a ordem de assalto para evitar que os espanhóis se organizassem e Francisco Pizarro tivesse tempo de enviar reforços. Quanto mais atrasassem o assalto ao Cuzco, tanto mais possibilidades teriam os cercados de organizarem a sua defesa. Portanto, Villac Umu tomou a iniciativa e destruiu os canais de irrigação nos arredores da cidade, inundando os campos e impedindo o abastecimento de água para os oitenta cavalos de que os espanhóis dispunham e de cuja eficácia militar os índios já tinham, naquela altura, plena consciência. Depois, percorreu os acampamentos para encorajar a sua gente e acelerar os acontecimentos, frustrado com a calma de Manco e farto de esperar.

Mas acabou por ser o próprio Hernando Pizarro quem convenceu Manco de que tinha chegado a hora de atacar, empregando uma arma mais persuasiva do que as considerações estratégicas saídas da boca do sumo-sacerdote: lançou uma sucessão de ataques preventivos e chegou a fustigar os partidários do rei com a cavalaria. Os índios repeliram as suas forças, e a ineficácia do contra-ataque levou ao assalto imediato e maciço ao Cuzco. Assim, no dia 6 de maio, soaram os *pututus*, com a profundidade de grandes búzios, e choveu fogo sobre a mítica capital do Tahuantinsuyo. As fundas atiraram, de todos os lados, pedras incandescentes envoltas em algodão sobre os tetos de colmo e os inimigos desprovidos de escudos. Os espanhóis estavam cercados. Com a tomada do bairro de Carmenca por

Cahuide, ficou vedado o acesso ao Chinchaysuyo. O príncipe Roca Yupanqui, por seu turno, fechou o caminho do Collasuyo¹² e dois dos generais bloquearam os acessos ao Contisuyo¹³ e ao Antisuyo¹⁴. Antes de se lançarem no combate corpo a corpo com os sitiados, os homens de Manco pretendiam transformar a cidade num campo de batalha sem escapatória possível.

Quando lhes pareceu que já tinham enfraquecido a capacidade de resistência dos sitiados, os índios desceram, por turnos, à cidade, convencidos de que o desvio do curso dos rios, por meio de canais, impossibilitaria as manobras da cavalaria espanhola. Como muitas das casas já se encontravam sem cobertura por os telhados de colmo terem ardido, parte dos atacantes deslocou-se com desenvoltura e garra de puma por cima das paredes enquanto os restantes avançavam pela planície, montando barricadas de verga a cada passo, com aberturas a modo de canhoneiras que permitiam a passagem dos guerreiros para o outro lado. Por cada barricada que Hernando mandava destruir de noite, surgiam várias outras na manhã seguinte.

Os espanhóis comandados por Hernando Pizarro ficaram confinados à praça principal, escondidos em casarões, telheiros e alpendres, enquanto assistiam, impotentes, à tomada dos palácios por parte dos índios de Manco, incluindo o de Cora-Cora, à força de uma chuva de arremessos de boleadeiras, feitas com tendões de ovelhas, de maços e de lanças improvisadas. Também caiu a velha fortaleza da praça, que Hernando Pizarro mandara equipar com seteiras e colocara sob o comando de um capitão de

¹² Maior região do antigo Império Inca e também a mais a sul. Estendia-se para sul do Cuzco (no Peru), dos Andes e do Planalto da Bolívia, até às margens do rio Maule, a sul da actual capital de Santiago do Chile, e da Costa do Pacífico às planícies de Santiago del Estero, na actual Argentina. (N. do T.)

¹³ Região do antigo Império Inca, situada a sudoeste do Cuzco, e estendendo-se até à costa; compreendia parte de Ica e do actual distrito de Arequipa. (N. do T.)

¹⁴ Tendo sido o «suyo» mais pequeno do antigo Império Inca, situava-se a nor-noroeste do Cuzco e incluía sobretudo parte das «yungas» (selva tropical montanhosa do bosque andino) e os rebordos montanhosos das bacias hidrográficas dos rios Urubamba e Madre de Díos. (N. do T.)

peões. Os que tinham conseguido refugiar-se no Suntur Huasi salvaram-se, embora ninguém saiba como. A certa altura, uma bola de fogo despenhou-se sobre a cobertura, que começou a arder como o resto da cidade. Nem sequer os negros, que tinham sido «distinguidos» com a importante missão de apagarem os fogos, ou morrerem a tentá-lo, conseguiam suportar o ímpeto das chamas. Pouco depois, alguma coisa — teria sido o manto azul da Virgem Maria? — extinguiu a bola de fogo, enquanto alguém — São Miguel? — espantava os demónios. Aqueles que se tinham refugiado no Suntur Huasi permaneceram mudos, sem mexerem sequer um dedo, mais receosos do milagre do que da morte certa. Dos outros telheiros e alpendres saíam os mais intrépidos para repelirem os atacantes, dispostos a enfrentarem a morte levando consigo o maior número de inimigos possível. As limitações da cavalaria devem ter sido compensadas pelo arrojo dos peões, que iam cortando as sogas e os ligamentos das boleadeiras, suportando as pedras arremessadas pelo inimigo com as armaduras, e desfazendo as cercas defensivas e os tapumes o melhor que podiam.

O ímpeto do assalto inicial deixou os sitiados atordoados, pelo que a reação foi lenta e tardia, mas foi suficientemente corajosa para equilibrar as forças nas ruas e nos edifícios da cidade, despejar algumas barricadas, retomar pontos estratégicos — como a fortaleza da praça — e obrigar os índios a renovarem as suas forças com maior frequência do que tinham previsto. Os peões dos espanhóis multiplicaram-se para colmatarem a falta dos cavalos, neutralizados pelas inundações. Os índios auxiliares dos sitiados utilizaram denodadamente as espadas e chuços que tinham aprendido a fabricar, imitando as armas novas que lhes mostraram os seus amos, e esforçaram-se por repelir os atacantes. Pretendiam impedir, a todo o custo, o holocausto na cidade. Com o passar dos dias, sitiantes e sitiados foram aprendendo a comunicar entre si por meio de uma linguagem brutal, com a qual pretendiam alcançar pela via psicológica o que ainda

nenhuma das partes tinha conseguido totalmente no campo de batalha: os índios enviavam aos sitiados as cabeças cortadas dos seus companheiros capturados, e estes faziam chegar aos acampamentos de Manco as mãos decepadas dos seus prisioneiros. Porém, nem a galhardia dos sitiados, passado o atordoamento inicial, nem as mensagens macabras de um lado e de outro podiam ocultar a inexistência de um empate entre ambas as forças. Na verdade, tudo — a inferioridade numérica, a desvantagem estratégica, a impossibilidade de comunicar com o exterior e a falta de provisões — era desfavorável aos espanhóis e aos seus índios auxiliares, cercados no Cuzco.

VI

AS NOTÍCIAS DO LEVANTAMENTO NOS ANDES DEPRESSA CHEGARAM a Lima, e o pânico afligiu muitos dos seus habitantes. As defesas militares e os ânimos não estavam preparados para aquilo. Ninguém imaginava um volte-face tão súbito, sobretudo quando o pior parecia já ter ficado para trás. Se os invasores tinham conseguido dominar, em todo aquele vasto território, forças tão superiores em número e tão determinadas; se se tinham apoderado dos símbolos políticos e espirituais dos Incas e desbaratado a complexa engrenagem imperial do Tahuantinsuyo; se tinham exacerbado, com êxito, as desavenças e os rancores que opunham os nativos, como era possível que, agora, os derrotados se vissem em posição de ameaçarem a grandiosa empresa da Conquista?! As informações que iam chegando não deixavam lugar a dúvidas: havia movimentações de forças rebeldes em pontos muito diversos do império e, tal como pedaços de metal espalhados por todo o lado e atraídos por um íman, os índios iam-se reunindo sob a autoridade de Manco. Poucos meses antes, aquele novo caudilho inspirara tão pouco respeito aos seus

amos que estes se haviam dado ao despudor de lhe regarem o rosto com a desonrosa secreção das suas bexigas!

Na casa do governador, o único espírito sereno era o de Francisca, que ainda gatinhava. Mergulhada, ainda, na sua involuntária e brincalhona inconsciência infantil, talvez se tenha apercebido de alguma rigidez nos modos do Conquistador. As notícias eram alarmantes. Os Espanhóis, espantados com os relatos de crueldades bestiais que chegavam do Cuzco e da região central dos Andes, começaram a pensar que talvez tivessem menosprezado os tesouros que podiam estar escondidos mais a norte, por exemplo na Colômbia — a que chamavam de Terra Firme e se encontrava tão perto —, e sobrevalorizado as potencialidades minerais do Peru, certamente prestes a esgotarem-se. Alguns, inspirados por horizontes mais ambiciosos, pensaram que aquela seria a ocasião perfeita para fugirem para o México, a que davam o nome de Nova Espanha — ou seja, consideravam esse território a sua segunda pátria. Portanto, ao longo de toda a costa, um número considerável de conquistadores deitou mão a qualquer objeto flutuante para fugir. Não era difícil ver famílias inteiras embarcando em diversos pontos do litoral, decididas a fugir das matanças e da ruína. Abandonaram o território com os filhos e os haveres.

Perante isto, Pizarro recorreu ao seu génio militar e estratégico e quis aproveitar aquela fuga maciça para pedir apoios externos. Para isso, despachou imediatamente para o México e para a América Central um galeão e três navios, que se encontravam atracados no porto de Callau, com o objetivo de trazerem armas e cavalos. Em troca, oferecia ouro e a gratidão real. Consciente de que Manco tinha ordenado o bloqueio dos caminhos que ligavam a costa de Chíncha e a serra de Jauja ao Cuzco, organizou o envio de quatro batalhões para socorrer os sitiados. Num desses batalhões seguia outro inca fantoche, improvisado sob o calor dos acontecimentos, para substituir o revoltoso. Era um expediente necessário para dar um ar de legitimidade ao domínio sobre os índios leais a Pizarro. Afinal, casado com uma irmã de Atahualpa e pai de uma menina

em cujas veias corria o sangue de Huayna Cápac, ninguém podia pôr em dúvida que o Conquistador tinha autoridade suficiente para conferir legitimidade aos nativos.

Era isto que pensava — ou calculava — Taulichusco, o cacique de Lima, pois colocou-se logo à sua disposição. Com isto, dissipava um temor que, a confirmar-se, teria desequilibrado o conflito. Tal como acontecera com outros índios que viviam em Lima, também Taulichusco tinha sido deslocado para um lugarejo nos arredores da cidade e dedicava-se a trabalhos agrícolas, pelo que teria sido natural esperar dele uma atitude menos favorável aos Espanhóis. Contudo, não tinha qualquer lealdade política ou gratidão pessoal para com Manco, e isso levou-o a pôr os seus homens à disposição do governador. Portanto, juntaram víveres, lenha e erva para os cavalos, o que implicou incursões em aldeias vizinhas. Alguns colonatos indígenas, como o de Atavillos, a norte de Lima, tinham-se juntado aos revoltosos. Porém, os seus vizinhos — os chacllas — alinharam com o governador, e Pizarro compreendeu que, tal como acontecia com os índios de todas as outras regiões do império, também os das imediações se encontravam divididos, o que favorecia a resistência perante o assalto iminente.

Chegavam continuamente informações desesperadas, e só o olhar imperturbável de Francisca, gatinhando por entre todo aquele tumulto, diminuía a perturbação do próprio Conquistador.

— Senhor governador, os inimigos descem das montanhas para tomarem a cidade. São milhares!

Choviam, em sua casa, avisos de que este ou aquele cacique havia tomado armas pelos revoltosos, de que vários espanhóis tinham morrido, mas não chegavam quaisquer novas sobre como os seus irmãos tinham resistido à investida inicial no Cuzco e como resistiam agora aos rigores daquele cerco impossível de romper.

Certa noite, cedendo à impaciência, o Conquistador decidiu enviar Pedro de Lerma, com vinte homens a cavalo, para sondar as intenções do inimigo e ver a que distância se encontrava de Lima. Porém, assim que deixaram para trás as derradeiras casas de Lima,

caiu sobre eles um contingente de vários milhares de homens, e só os reforços enviados à última hora evitaram que Lerma fosse despeçado. Os índios de Manco encontravam-se já às portas de Lima, comandados por Illa Topa e Quiso Yupanqui.

Vindos das povoações limítrofes, iam-se incorporando no grupo inicial, recrutados por ambos os generais, cada vez mais índios que abandonavam as suas brenhas natais, encorajados pela revolta generalizada. Em poucos dias, os sitiados fizeram sentir a sua presença nos outeiros que rodeavam o vale. Quiso Yupanqui, que comandava um dos principais contingentes, estacionou as suas forças no monte mais elevado, após setenta espanhóis terem tentado detê-lo sem sucesso. Os espanhóis quiseram combater os revoltosos evitando as colinas e os promontórios, mas as escaramuças, que cobriram de cadáveres a periferia de Lima, não impediram que as forças sitiadas se apoderassem de alguns edifícios nos arredores da cidade. Contudo, os conquistadores conseguiram ocupar posições nos outeiros menos elevados trespassando inimigos com as suas lanças.

Francisco Pizarro esperava em Lima, confiante em que a batalha em campo aberto seria mais favorável à sua cavalaria. A vantagem dos homens de Manco, nos derradeiros contrafortes da cordilheira e nos numerosos outeiros que cercavam o vale, tornar-se-ia em vantagens para os conquistadores quando chegasse o momento da batalha decisiva pela cidade. De qualquer forma, as hipóteses de vitória passavam pela chegada de reforços e de mantimentos, pois só assim poderiam resistir ao assalto durante o tempo necessário e também só com isso poderiam fazer diminuir as forças do inimigo. Os dias foram correndo entre a redistribuição tática dos índios, as escaramuças esporádicas e a tomada de um ou outro outeiro. Tal como sucedera em todos os embates anteriores, as forças espanholas eram essencialmente compostas por índios, que faziam surtidas aos arredores da cidade durante o dia para combaterem as forças sitiadas, tornando a recolher à cidade de noite, exaustos e... carregados de informações!

A lealdade de Inés Huaylas, com os dez quilos de Francisca nos braços, não deixava lugar a dúvidas, pois o cerco a Lima era também o cerco à sua nova vida. Apesar de Quiso Yupanqui ser seu familiar, Inés já não pertencia àquele mundo. Por outro lado, Manco não era mais do que a continuação de Huáscar, antigo inimigo de Atahualpa, o verdadeiro inca legítimo, portanto inimigo do seu próprio irmão. Mas Inés Huaylas apercebera-se do perigo no seu próprio lar, antes mesmo da ameaça do exército de Manco, porque Pizarro acolhera, em sua casa, Azarpay, outra irmã de Atahualpa, cuja posição hierárquica, na linhagem inca, era superior à sua própria, sendo ambas meias-irmãs.

A história de Azarpay remonta também aos tempos tumultuosos de Cajamarca. Depois de o inca Atahualpa ter sido executado, acompanhara os conquistadores à sua paragem seguinte — o vale de Jauja — na qualidade de irmã e esposa principal do inca fantoche, improvisado para confundir e tranquilizar os índios. Porém, morto esse «inca de palha», um dos homens de Pizarro — o tesoureiro real, homem dotado de um sentido irrepreensível da falta de deontologia profissional — pediu-lhe que lhe entregasse Azarpay, não tanto para a satisfação da carne como para que esta o conduzisse a novos tesouros, de cujo esconderijo seria, talvez, conhecedora. Mas em vez de aceitar o seu destino marital, como fizera Inés, a orgulhosa e venerada princesa revoltou-se e fugiu, embrenhando-se na montanha. Conseguiu entrar em Cajamarca, onde passou despercebida durante algum tempo, mas nem o conhecimento que tinha do território nem a sua determinação férrea a salvaram das garras dos inimigos, acabando por ser capturada. Na sequência da sua captura, foi enviada para Lima, onde Pizarro, quiçá impressionado com o seu caráter ou na esperança de lhe encontrar um marido mais adequado, cometeu um erro de cálculo: aceitou-a no seu lar, despoletando uma surda guerra de ciúmes entre ela e Inés Huaylas. Inés sabia que a sua meia-irmã ocupava um lugar superior na hierarquia do seu passado e era, portanto, ainda mais digna de partilhar o leito de Pizarro. Teria diminuído, em Azarpay, a sua resistência contra

o profanador da sua estirpe e estaria ela agora disposta a aceitar o governo dos invasores? Sentiria ela que um governador valia bem a docilidade que se recusara a mostrar perante o tesoureiro? Ou teria aceitado, temporariamente, um destino ao qual não lhe era, por então, possível voltar a escapar, aguardando a ocasião perfeita para preparar a vingança?

Inés não tardou em ver Azarpay como uma inimiga mais perigosa do que os exércitos sitiados de Manco, que ameaçavam assaltar, a qualquer momento, a casa do governador, onde Francisca — ainda na idade da inconsciência — já desenvolvia instintos de sobrevivência e de honra.

— Azarpay anda a trair-vos — sentenciou Inés Huaylas certo dia, com tanta convicção que o governador sentiu arrepios na espinha. — Foi ela quem organizou o cerco. Tendes o inimigo na vossa própria casa!

Talvez quisesse recriminar Pizarro pela atenção que dedicava à intrusa. O governador penetrara no território eminentemente casto da cominação, e não se pode dizer que Azarpay — perversa? Lisonjeada? — tivesse demonstrado verdadeira relutância. As palavras e os olhares de Inés Huaylas devem ter sido muito persuasivos, pois o governador depressa se convenceu de que aquela participava nos planos de Manco e de que enviava, do bastião espanhol, mensagens com informações críticas aos sitiados. Outros índios fiéis aos conquistadores também suspeitavam dela, pelo que, estimulados por Inés Huaylas e pela sua maledicência, acabaram de virar o governador contra Azarpay.

O Conquistador quis mostrar o seu poder condenando a traidora a um castigo exemplar: sitiado, e num momento em que a lealdade dos nativos lhe era mais necessária do que nunca, condenou-a à morte. Azarpay recebeu o garrote na divisão que lhe servia de refúgio pois, naquelas circunstâncias, teria sido imprudente executá-la na praça principal.

Consumada a vingança, Inés dedicou-se imediatamente a procurar reforços para a resistência e pensou na própria mãe, a senhora

de Huaylas. A avó de Francisca e mãe de Inés — portanto, sogra do governador — não deixaria que a família morresse às mãos de Manco. Se os reforços dos caciques e das tribos costeiras não bastassem, a senhora de Huaylas viria em auxílio do seu genro, o governador. Contarhuacho, a senhora de Huaylas, já lhe tinha feito chegar mensagens de encorajamento com ofertas de ajuda, e todas essas comunicações, transmitidas por meio de artimanhas e dissimulações inusitadas, tinham vindo acompanhadas de manifestações de carinho para com Francisca, a neta redentora dos vencidos.

Os reforços que o governador tinha pedido ao exterior chegaram com vários meses de atraso, depois de o cerco já ter provocado grandes faltas e de os espanhóis terem perdido muitos homens nas escaramuças constantes nos arredores da cidade. As defesas de Pizarro foram reforçadas com alguns arcabuzeiros e cavaleiros, introduzidos na cidade pelo único ponto que as forças sitiadas não conseguiam dominar: o porto. Como que para demonstrar que a coqueteria não era incompatível com os rigores do cerco a Lima, entre as provisões e os aparelhos de guerra, vinham também arreios de cerimónia, vestidos de seda e até roupa de pele de marta para o governador.

Numa manhã de chuviscos, os sitiados verificaram que Quiso e os seus homens tinham tomado o mais importante dos outeiros: o da cruz de madeira! Situado perto da praça principal, era o lugar que simbolizava o esforço evangelizador dos invasores e — supunha-se — protegia os novos ocupantes da ira dos nativos. Estes, com pouco receio dos cristãos, arrasaram a cruz, demonstrando uma irreverência rara contra símbolos religiosos alheios às suas crenças (normalmente, as tradições guerreiras dos Incas não lhes impunham a destruição de símbolos e templos; pelo contrário, costumavam respeitar — e até absorver — os cultos dos vencidos). À noite, acenderam fogueiras e luminárias, como já faziam noutros outeiros que circundavam a capital. As cerimónias religiosas celebradas em redor das fogueiras acentuavam o aspeto fantasmagórico do cerco. Com elas, os homens de Manco rogavam a Pachacamac

que lhes desse forças para aniquilarem os trezentos arcabuzeiros e mil índios que ainda resistiam ao cerco.

Seis dias depois de terem chegado aos outeiros em torno da cidade, Quiso anunciou:

— Hoje entrarei na cidade e matarei todos os espanhóis que ainda estejam vivos. Tomaremos as suas mulheres, faremos delas nossas esposas e daremos origem a gerações forjadas para a guerra. Guerreiros, peço-vos que, se eu morrer, morrais todos comigo, e, se eu fugir, fujais também todos.

No interior da cidade cercada havia apenas catorze mulheres espanholas, incluindo as três madrinhas de Francisca. E esta era uma informação de que dispunha o comandante das forças de Manco, que recebia informações dos seus espiões. Os sitiados não tinham permitido que ninguém abandonasse a cidade, apesar das tentativas do governador, que também tinha pedido às mulheres das outras cidades costeiras que abandonassem o território, pois a revolta era geral. Entre as catorze que permaneciam em Lima, encontrava-se Mari Lopez, uma prostituta aguerrida a quem fora confiada a missão de guardar um grupo de prisioneiros. O cerco suspendera as hierarquias dos ofícios e as posições sociais...

Os generais de Manco compreendiam que era chegado o momento de agir, pois os reforços que começavam a chegar por mar ameaçavam seriamente o desfecho favorável do cerco, e não queriam esperar mais.

A moral já debilitada dos sitiados teria recebido um golpe assaz duro se estes tivessem sabido que os quatro batalhões despachados por Pizarro alguns meses antes para acudir ao Cuzco tinham sido desbaratados por Manco no caminho.

Os índios começaram a descer das montanhas que ladeavam o rio, enfrentando os nativos que apoiavam a causa espanhola. Entretanto, Pizarro contava as horas e esperava os reforços definitivos, que não havia meio de chegarem. Mantinha-se abrigado nos edifícios da cidade, agora baluartes defensivos e desesperados. A seu lado, sem se separar dele por um instante que fosse,

estava Martín de Alcántara, seu meio-irmão. Em casa, encolhidas, aguardando os acontecimentos, Inés Huaylas e Francisca temiam o pior. Era inverno, e o céu encoberto deixava cair um ligeiro chuvisco.

Depois de inundarem a cidade com a abertura de canais e com desvios de cursos de água, a exemplo do que tinham feito os sitiantes do Cuzco, os índios revoltosos avançaram sobre a cidade pelo norte, pelo leste e pelo sul. Ao raiar do dia, os homens de Quiso penetraram nas ruas de Lima, vindos da planície atravessada pelo rio Rímac. Pizarro dividiu a cavalaria em dois esquadrões — um dos quais ficou sob o seu comando — e bloqueou o acesso à rua principal. E ali estava também, armada de escudo e espada, Mari Lopez, a feroz prostituta. Viram o general inca atravessar os dois braços do rio, nas suas duas padiolas, de lança em riste, e observaram-no enquanto se aproximava da rua guardada pelo próprio governador. Alguns homens subiam já às paredes e aos muros, mas o governador pediu-lhes que não se distraíssem e não perdessem de vista o objetivo principal. Desde os tempos de Cajamarca que Pizarro conhecia perfeitamente a dependência espiritual dos índios subordinados em relação aos seus chefes militares. A dado momento, a cavalaria precipitou-se sobre os invasores, determinada a vencer ou morrer. Já sobre o cascalho da margem do rio, uma imensidão de seixos e esquadrihas de mosquitos empeciam o avanço dos cavalos. A contagem macabra da guerra começou sobre campos alagados e em várias frentes. Centenas e centenas de guerreiros tombavam, feridos ou mortos, no lodaçal. No meio da confusão, Pizarro perdeu Quiso de vista.

Buscava, desesperado, o general de Manco, esperando que a superstição surtisse efeito, um efeito psicológico que era o único meio de que dispunha para derrotar os seus inimigos. Por fim, Quiso acabou por aparecer, exangue aos pés de um cavalo, não muito longe da principal via de acesso à cidade. Então, e como por magia, as forças atacantes — muito superiores em número e distribuídas por três frentes — começaram a paralisar à medida

que ia correndo a notícia de que o seu general tinha tombado em combate. Illa Topa, o único general que teria podido prosseguir o assalto à cidade, retrocedeu e bateu em retirada para Canta. As restantes forças atacantes fugiram para leste, em direção à cordilheira. Perante esta debandada, os espanhóis perseguiram os índios por muitas léguas, assombrados com a rapidez com que girava a Roda da Fortuna. As forças que permaneceram na cidade decidiram voltar ao monte da cruz de madeira profanada, mas não foi necessário enviar um contingente para cumprir essa missão, pois também ali os efeitos devastadores da derrota de Quiso se fizeram logo sentir no ânimo dos índios. Naquele dia, e para comemorar a debandada do inimigo, o monte recebeu o nome de San Cristóbal.

Mas por que motivo teria Illa Topa fugido tão repentinamente? O facto de Quiso ter tombado em combate não era motivo suficiente. A derrota deste general explicava a desmoralização dos homens que comandava, mas tiveram de existir outros fatores para a debandada geral dos atacantes. Suspeitaria Francisca dos verdadeiros motivos, nos recantos mais obscuros da sua cabecita em formação? No momento em que os homens de Topa fugiam para norte, um contingente de várias centenas de índios avançava sobre Lima, mais em auxílio de uma família do que de uma cidade. Eram os enviados de Contarhuacho, a mãe de Inés Huaylas e avó de Francisca. No comando da expedição vinha um grupo de caciques dispostos a resgatar a menina, garantia última da sua estirpe, vínculo entre a raça vencedora e a vencida. As forças em debandada fugiam derrotadas pelo desamparo em que as deixava a morte de Quiso, mas também pelo perturbador reforço que representavam os índios enviados pela avó de Francisca, que desequilibrou a batalha no seu momento decisivo. O amor de Contarhuacho pela sua neta mestiça, a mobilização guerreira de uma avó desesperada, desequilibrou a balança moral para o lado dos conquistadores no momento em que essa ajuda era mais necessária. Alguns dos índios que

fugiam acreditaram ter visto Contarhuacho comandar pessoalmente as suas próprias tropas.

Em casa do governador, Francisca estremeceu nos braços de Inés Huaylas.

VII

OS DESTINOS DA MESTIÇA FRANCISCA E DO SEU TIO HERNANDO estavam unidos pela primeira vez. E não seria a última! A pequenina não podia sabê-lo, mas enquanto salvava a capital, o seu tio Hernando esforçava-se como um titã para romper o cerco ao Cuzco. O espanhol ia logrando vitórias pequenas mas significativas. Tinha derrubado boa parte das barricadas, ganhando espaços no interior da cidade, e conseguira destruir muitos dos canais que alagavam os campos. Além disso, os conquistadores também tinham recuperado alguns edifícios emblemáticos, como o palácio de Cora-Cora. Porém, um erro estratégico imperdoável tornava inúteis estes avanços: as forças sitiadas não tinham erguido defesas entre a cidade e o cume onde estava situada a fortaleza de Sacsahuamán aquando do início do ataque, e esta falha tornava-os bastante vulneráveis. Os índios de Manco desciam continuamente do monte, por turnos e em linha reta. Este ataque contínuo implicava, para Hernando Pizarro, uma hemorragia de recursos, homens e preocupações. Todas as esperanças de inverter a dinâmica dos confrontos e, em última instância, romper o cerco, passavam por atacar as muralhas de alvenaria da fortaleza, cuja arrogância e tamanho a todos intimidavam.

O topo do monte da fortaleza era defendido por três muros em fileira, de linhas quebradas e com grades enormes. A silhueta poligonal do edifício aumentava o medo e o desespero de quem ousasse aproximar-se. As suas passagens e espaços subterrâneos e abobada-

dos permitiam aos homens de Manco prepararem uma defesa eficaz em caso de ataque e deslocarem-se nas alturas sem serem vistos pelos espanhóis lá em baixo, no Cuzco.

E era justamente na fortaleza, a partir da qual Manco assediava a cidade, que se concentrava a atenção dos irmãos Pizarro. Como recuperá-la? Como alcançar o topo do monte, para chegarem ao nível dos atacantes, sem serem subjugados a partir de cima? E, uma vez lá chegados, como transpor aquelas muralhas, defendidas por uma multidão armada e disposta a tudo? A salvação do Cuzco passava exclusivamente por Sacsahuamán.

Nenhum dos espanhóis tinha a solução mágica para este problema. A considerável superioridade técnica e material dos conquistadores, até àquele momento tão decisiva como o jogo de alianças, não bastava para semelhante empresa. Faltava-lhes o conhecimento minucioso do lugar, incluindo as passagens subterrâneas, e informação sobre a organização defensiva da fortaleza. Naturalmente, eram também necessários o espírito guerreiro e a colaboração dos índios.

Foi então que Pascac, parente e inimigo de Manco, se ofereceu para guiar os desorientados espanhóis até ao cume do monte. Hernando preparou a operação respeitando os conselhos deste índio. Para tal, ordenou os grupos que participariam no assalto à fortaleza e destacou alguns soldados para a defesa da cidade, caso a conquista de Sacsahuamán fracassasse.

— Bem vedes como somos atacados lá de cima e quanto nos custa repelir esses ataques. Temos de conquistar a fortaleza ou morrer todos! Vou organizar as forças que participarão no assalto e deixarei soldados suficientes na cidade para a protegerem.

Ele próprio permaneceria no Cuzco, enquanto o seu irmão Juan, juntamente com Gonzalo, comandaria o grupo encarregue de tomar aquele bastião. Depois de orar na igreja da praça principal, Juan dirigiu-se a Sacsahuamán com cinquenta homens a cavalo. O primeiro obstáculo era o contingente índio que bloqueava a passagem do Chinchaysuyo, que conseguiram desbaratar com a mesma

investida audaz e frontal que resultara noutras ocasiões e com o mesmo efeito surpresa. Depois, subiram a encosta do monte Carmenca, arrasando mais paliçadas de índios inimigos, erguidas com o objetivo de lhes impedir o acesso ao cume onde estava situada a fortaleza de Sacsahuamán. Fizeram um grande desvio para evitarem o grosso das defesas adversárias e aterraram as valas que os índios tinham escavado para impedir o acesso aos parapeitos, mas, por fim, Juan e os seus homens acabaram por alcançar o terraço da fortaleza, unindo-se às forças comandadas por Gonzalo, que se tinham adiantado para irem esvaziando o caminho.

Os cinquenta cavaleiros eram acompanhados por um contingente de índios para quem a tomada da fortaleza era uma questão de honra tribal. Índios Chachapoyas, Cañaris e até dois irmãos de Manco preparavam-se para ajustar velhas contas com os Incas, então representados pelas hostes que o terrível Cahuide comandava do alto do torreão principal. O conhecimento que alguns índios aliados tinham do terreno foi muito útil aos espanhóis. Villac Umu, o sumo-sacerdote e estratega de Manco, tinha organizado a rendição contínua dos seus homens através das passagens subterrâneas e cobrira todos os flancos possíveis ao nível da fortaleza. Dali, multidões de boleadeiras, flechas, fundas e maçãs poderiam rechazar qualquer investida e neutralizar os cavalos, na planície.

A fortaleza apresentava-se cercada de uma grande barbacã, com portões sucessivos, e não havia forma de penetrar na fortaleza sem passar por algum dos portões. Num dos montes próximos, onde se tinha colocado com o grosso das suas forças, Juan compreendeu que esta era a sua única opção. Por isso, arremeteu contra um dos portões, abrindo caminho pela força da espada, e conseguiu ultrapassar aquela barreira, deixando um regueiro de índios estendidos no solo, atrás de si. De um dos edifícios da fortaleza, viu o seu próprio pajem morrer apedrejado. Perante a chuva de projéteis arremessados, decidiu esperar o pôr-do-sol no lado de dentro da barbacã, mas ainda a alguma distância da própria fortaleza.

Juan dividiu os seus homens em dois grupos sob o manto da noite serrana. Atribuiu o comando dos peões ao seu irmão Gonzalo, ficando ele próprio encarregue de comandar a cavalaria. Os homens de Gonzalo tinham por missão penetrar na fortaleza o mais rapidamente possível. Juan e os seus homens cobrir-lhes-iam a retaguarda. Uma ferida no queixo impedia Juan de colocar o capacete, o que o obrigava a permanecer na retaguarda, enquanto Gonzalo tentava romper a barreira inimiga, à entrada.

O ataque noturno, algo a que os índios não estavam acostumados, conferia aos atacantes uma certa vantagem, de que souberam tirar partido. Gonzalo, o mais temerário dos irmãos Pizarro, desmontou, com os seus peões, o portão principal sem atrair a atenção dos contingentes defensivos estacionados no interior da fortaleza de Sacsahuamán e abriu o caminho ao grosso da expedição e à cavalaria. As forças invasoras subiram por uma passagem, surpreendidas com a pouquíssima resistência encontrada. Porém, quando chegaram a outra porta, no final do passadiço, os índios que defendiam a fortaleza acordaram alarmados. Poucos minutos depois, faziam já arremessos, com as suas fundas, sobre as cabeças e os peitos dos invasores. Um emissário de Gonzalo voltou à retaguarda para avisar Juan, que aguardava a uma distância prudente, da dura resposta dos de dentro, na outra extremidade da passagem. Pegando na adaga com determinação redobrada, Juan cavalgou ao encontro dos guerreiros de Manco.

O comandante do assalto avançou para o inimigo, rompendo as barreiras que restavam entre si e os torreões principais, mas uma pedra rasgou a noite com pontaria perfeita e acertou-lhe na cabeça descoberta, fazendo com que caísse quase de imediato, bastante ferido e sangrando abundantemente. Enfurecidos, os homens que estavam sob o seu comando conseguiram alcançar o terraço de onde tinha sido arremessado o projétil. Controlado esse ponto, já no interior da fortaleza, os homens sentiram-se mais seguros e prepararam a evacuação do moribundo. Juan foi, então, levado para o exterior com o máximo cuidado, para que o inimigo não soubesse

da boa notícia, e, dali, para o Cuzco, onde Hernando recebia informações constantemente.

Sem perder tempo, e apesar de ter diante de si o irmão agonizante, Hernando organizou o envio de reforços e anunciou a sua decisão de comandar pessoalmente a tomada da fortaleza.

Manco, por seu turno, encontrava-se em Calca, onde permaneceu durante todo o tempo que durou o cerco ao Cuzco. Ali recebia, assombrado, todas as notícias relativas ao assalto e também era daquela cidade que enviava reforços. No que a ele dizia respeito, o confronto decidiria o destino da cidade dos seus antepassados.

Hernando conseguiu juntar-se, sem dificuldade, às tropas espanholas no interior da fortaleza, pois o acesso estava já controlado pelos seus soldados. Ao nascer do dia, tomou um dos três torreões principais, recorrendo a escadas de assalto improvisadas. No interior daquele torreão, compreendeu que era demasiado arriscado atacar os mais altos. O mais perigoso de todos era o de Paucarc Marca, onde Cahuide, o brutal guerreiro de Manco, defendia encarniçadamente o seu bastião. Mas aquilo que os espanhóis não podiam conseguir com um ataque frontal, conseguiu-lo-iam com a arma mais mortífera naquela ocasião.

— Morrerão de sede! — sentenciou Hernando.

Empoleirados nas suas muralhas, os índios suportaram a falta de água durante três intermináveis dias. Villac Umu saiu em busca de reforços no primeiro dia da guerra da sede porque os dois mil homens que defendiam Sacsahuamán não resistiriam muito mais tempo naquelas condições. Cahuide, o mais corajoso dos «orelhões do império» (assim chamados por causa dos grandes brincos que usavam), teria de aguentar os espanhóis até à chegada dos reforços ou morrer tentando-o. Conscientes de que o tempo era o seu maior inimigo, os índios de Manco fustigavam incessantemente os conquistadores, do alto das muralhas, e impediam a tomada do torreão afastando as escadas de assalto e empregando as maças em quem tentasse atacar pelos flancos.

— Quero-o vivo! — ordenou Hernando ao terceiro dia, impres-

sionado com o general da resistência índia, que, com uma adaga, uma espada e uma maça — e um simples morrião cobrindo-lhe a cabeça —, parecia personificar uma nova forma de determinação humana. — Parece um romano!

Junto ao sopé da muralha, um dos capitães invasores, menos respeitoso, exigiu a Cahuide que se rendesse imediatamente e gritou-lhe que os Espanhóis lhe poupariam a vida se abandonasse a luta. Os homens que se encontravam no torreão vizinho viram-no lançar a moça sobre a cabeça do capitão que se lhe dirigira. Instantes depois, lívidos, viram-no cobrir-se com um manto e lançar-se no vazio com um rugido de puma. Passadas algumas horas, a voracidade dos condores mergulhava, sem cerimónias, sobre o seu cadáver e sobre os de centenas de outros combatentes.

Contudo, a tomada da fortaleza não foi imediata. A chegada dos reforços de Villac Umu, à última hora, atrasou a rendição, mas, passados poucos dias, Hernando tomou a fortaleza por completo. Depois de colocar cinquenta homens em diversos pontos daquele forte poligonal, regressou ao Cuzco, onde o seu irmão ditava, no leito de morte, um testamento, em que legava os seus bens a Gonzalo.

Em Calca, ninguém criticou Manco por não ter ordenado o assalto decisivo ao Cuzco num momento em que a sua superioridade numérica e a precariedade das defesas dos Pizarro lhe conferiam uma vantagem insuperável. O inca, a quem ninguém podia acusar de ter subestimado os seus inimigos, era suficientemente lúcido para compreender que a queda da fortaleza nas mãos dos Espanhóis alterara as condições para os revoltosos. A partir daquele momento, o Cuzco voltara a ter comunicação com o exterior. A derrota dos revoltosos era o oxigénio dos conquistadores. O enorme contingente de que Manco dispunha permitia-lhe manter o sonho de um novo assalto à fortaleza, e ainda controlava vastos territórios nos Andes.

Contudo, tinha agora um novo problema: a iniciativa já não era sua. Apesar de não terem a capacidade que ele tinha para os fustigar, o potencial dos espanhóis para o atacarem era um novo fator a ter em conta. Mesmo quando o controlo das vias

de comunicação entre Lima e o Cuzco o protegiam de Francisco Pizarro, as posições que os irmãos deste tinham conseguido ocupar nos pontos mais altos do vale tinham tornado o inca vulnerável no seu quartel-general, em Calca. Os espanhóis e os seus aliados indígenas estavam, agora, em condições de levar a cabo algumas ações ofensivas.

Paullu, irmão de Manco, não tardou a colocar-se à disposição de Hernando Pizarro. Conhecia bem as vias de comunicação controladas pelos revoltosos e a localização dos celeiros que guardavam os alimentos de que os índios se valiam em tempo de guerra, e dedicou-se a dificultar a vida ao seu irmão Manco. Incendiou grande parte dos celeiros e atacou as vias de comunicação, obrigando Manco a perder muito tempo com a organização do abastecimento dos seus homens. Manco chegou, inclusivamente, a ter de destacar soldados para as colheitas.

O Cuzco foi atacado várias vezes ao longo dos meses seguintes, mas os confrontos já não representavam perigo para os resistentes, no interior da cidade. Os espanhóis iam conseguindo tapar as fossas escavadas pelos índios e, depois de abrirem uma via para o exterior, passaram a poder abastecer-se de produtos agrícolas, assaltando depósitos e capturando gado aos inimigos durante as suas esporádicas excursões alimentares nos arredores. Uma das suas missões consistiu, precisamente, no abastecimento de milho, assegurando a provisão necessária para os meses seguintes. A sua superioridade técnica e a moral recuperada não bastavam para reverterem definitivamente a situação — dada a esmagadora superioridade numérica do inimigo —, mas as duas forças iam-se equilibrando lentamente.

A certa altura, conseguiram obrigar Manco a sair de Calca para outra fortaleza imponente: a de Ollantaytambo. Tal como sucedia com Sacshuamán, também esta cidadela estava situada muito perto da selva e possuía uma portentosa estrutura poligonal de alvenaria. Apesar de os espanhóis terem conseguido ocupar posições entre a povoação com o nome da fortaleza e o rio Yucaj, não conseguiram alcançar o novo quartel-general do rebelde porque as tribos

selvagens, que até então tinham desprezado, surgiram de repente e fustigaram-nos com as suas lanças e flechas, protegendo, assim, o inca, seu aliado. Mais tarde, aquelas mesmas tribos conseguiram fazer retroceder os espanhóis, que permaneceram algum tempo afastados de Ollantaytambo. Manco aproveitou o retrocesso dos atacantes para voltar a inundar os campos em torno do Cuzco, o que obrigou os homens de Hernando a uma retirada, a passo acelerado, para a cidade.

O combate travava-se, em boa parte, no plano psicológico. No momento em que mais necessitava — e graças a um atraso oportuno nas comunicações —, Manco recebeu o material que os seus homens tinham apreendido, várias semanas antes, ao corpo expedicionário que Francisco Pizarro enviara de Lima para socorrer os irmãos, no Cuzco. Foram-lhe ter às mãos cartas que relatavam as vitórias militares de Espanha em Tunes contra Barba Ruiva e os Turcos, para conhecimento e estímulo dos espanhóis entrincheirados, e incomunicáveis, no coração do Tahuantinsuyo. O inca, que não sabia ler mas já então não ignorava o poder devastador da palavra escrita na cultura que enfrentava, permitiu que aquelas missivas chegassem ao Cuzco — o seu destino inicial — uma a uma, com uma pontaria perversa. Mas o seu gesto acrescentou um toque impiedoso às cartas: a verdadeira notícia já não eram as vitórias do Império Espanhol e da cristandade contra o turco infiel, mas a estrondosa derrota de quatro expedições enviadas por Francisco Pizarro e a impossibilidade de receberem reforços.

Mas apesar da eficácia da jogada psicológica, as cartas não podiam alterar a situação no campo de batalha. Manco, o sitiante, passara a ser sitiado, sem deixar de ser sitiante. No jogo da corda entre ambos os lados, a Conquista encontrava, assim, um novo e tenso equilíbrio, que arrasava os nervos.

Em Lima, a consolidação de Francisco Pizarro após a rutura do cerco costeiro permitiu à população voltar aos seus afazeres quotidianos, isto é, podiam continuar a sua aprendizagem do Novo Mundo, pois aquele mundo era novo para todos: para os de além-mar

porque aprendiam a comer batatas, mandioca, bolbos, milho e quinoa e a fazer amor noutra língua e a beneficiar dos tributos pagos pelos seus novos criados; para os nativos porque ficavam a conhecer, por seu turno, o arroz, as lentilhas, as abóboras e as bananas; aprendiam a comer pato, galinha, porco e cabrito e passavam a ver no céu a morada de uma só divindade e a edificar cidades estranhas, de geometria quadriculada.

Para a nova geração — a de Francisca —, nascida deste encontro de aprendizagens, aquele mundo também era novo, mas por motivos diferentes. Para a menina, o cataclismo cultural não resultava do choque súbito com uma civilização diferente mas do facto de não ter antecedentes. Francisca não era filha de uma cultura que se tivesse fundido com outra, antes iniciava uma cultura diferente, pois iniciava também uma raça. Nem Francisco Pizarro nem Inés Huaylas podiam ensiná-la a ser mestiça, o resultado da «mistura de ambas as nações», como diria alguns anos mais tarde o inca Garcilaso de la Vega, o mais ilustre dos mestiços. Francisca Pizarro não dispunha de nenhuma referência prévia que lhe facilitasse a vida, e esse vazio de antecedentes implicava a ausência de um relacionamento com outros mestiços, no qual pudesse encontrar um certo sentido de pertença, um nicho social em que descobrisse, com indivíduos da mesma progénie, a mesma familiaridade que o Conquistador sentia entre os outros conquistadores e o índio entre os índios, apesar das circunstâncias e das hierarquias alteradas. Francisca não era a única mestiça. Algumas outras, menos notáveis, também davam os primeiros vagidos naquelas terras, mas não formavam uma comunidade nem tinham antecessores. Enquanto o mundo permanecesse tão novo, a mestiça e o mestiço só podiam ser vencedores ou vencidos, gente da terra ou recém-chegados, brancos ou «cabritos». Ou seja, eram mais uma coisa do que outra, mesmo tendo em conta que a sua mistura iniludível encerrava uma verdade mais ambígua e complexa, menos estratificada e predeterminada do que o novo mundo em que nasciam.

Inés Huaylas compreendia que Francisca era a chave que lhe

abria as portas do mundo dos vencedores, o seu meio de sobrevivência na hierarquia dos vencedores, a sua forma de metamorfosear o antigo no novo, a alquimia que a tornava mais branca do que índia. Entre tempestades políticas e hecatombes militares, Francisca iniciava a vida no momento em que a própria vida recomeçava. Nascera num universo recém-criado, mas esta criação recente também nascera com ela. Naquele momento, só se podia pertencer a um lado ou ao outro, e sendo, como era — tal como o irmão mais novo —, o prolongamento do mais importante dos conquistadores, crescia com o respeito dos vencedores e a inveja secreta dos vencidos. O sussurro do quéchua materno aos seus ouvidos — ténue fio de vida que a ligava, não sem alguma ironia, aos vencidos — ia formando, na sensibilidade da menina, uma base se não de compaixão, pelo menos de afeto pelas raízes da mãe. Mas o seu mundo era a cidade dos vencedores. Foi ali que deu os seus primeiros passos trôpegos, balbuciou as suas primeiras vogais e aprendeu que eram os «barbudos» quem mandava. E também ela era uma «barbuda».

Inés Huaylas não era a única nobre inca cujo destino tinha sido violentamente alterado, ainda que, no seu caso, se pudesse dizer que caíra de pé. Muitas tornaram-se criadas, concubinas ou prostitutas; outras casaram-se com espanhóis, embora estes ocupassem, em geral, posições sociais inferiores às que elas próprias tinham na escala social inca. Compreenderiam elas a verdadeira origem dos maridos? Muitos deles não passavam de fidalgos de pouca monta ou de camponeses que, naquela nova terra, exigiam ser tratados por «dom» para ascenderem a um estrato social a que não pertenciam na Espanha imperial. Se compreendiam esta realidade, não o davam a entender, porque também as vencidas participavam da ficção social projetada pelos vencedores, transformadas em vencedoras pelo desejo masculino, o que constituía outra forma de ficção.

Com as mudanças inerentes à nova situação política, a vida dos homens também tinha tomado rumos inesperados. Em tempos de paz, eram o braço que erguia cidades, lavrava a terra ou trabalhava nas minas, obedecendo ao novo poder político; em tempo de guer-

ra, eram a força numérica que diminuía a desvantagem dos conquistadores, tecnicamente muito superiores, mas perdidos sem o auxílio indígena. Tal como acontecera com as nobres amancebadas, também alguns dos homens — poucos — asseguraram posições privilegiadas como agentes tributários ou capatazes.

Mas ao novo mundo faltavam, nessa altura, sensibilidades literárias capazes de oferecer à posteridade uma visão íntima e pessoal do que então nascia. Quer fosse por analfabetismo, por falta de tempo ou porque as prioridades eram outras, os novos amos do Peru não deixaram testemunhos, cartas, diários ou memórias. Também não o fizeram os Incas derrotados, para quem a escrita era uma novidade. A conquista do Peru originou apenas testamentos e documentos notariais e judiciais; não houve uma literatura da observação, do pensamento ou do sentimento que transmitisse às gerações futuras indícios da nova criação.

Francisca gatinhava, então, por entre índios e conquistadores, alheia a estas considerações, que, no entanto, correspondiam a realidades que lhe corriam nas veias.